



ANAIS

**PORTVIX: III ENCONTRO DE
SOCIOLINGUISTAS**

2025

UFES

4 E 5 DE NOVEMBRO

PortVix: III Encontro de Sociolinguistas

**Anais do PortVix: III
Encontro de Sociolinguistas**

André Poltronieri Santos
Arthur Galvão Padilha Amorim
Shirlei Conceição Barth Schaeffer
(organizadores)

Realizado em 04 e 05 de novembro de 2025

**PPGEL-UFES
Vitória
2025**

PortVix: III Encontro de Sociolinguistas

04 e 05 de novembro de 2025

Comissão organizadora

Coordenação do PortVix

Leila Maria Tesch

Maria Marta Pereira Scherre

Raquel Gomes Chaves

Membros

Amanda Henriques Machado

Ana Carolina Carnieli Duarte

Ana Rízia Travassos do Amaral

André Poltronieri Santos

Arthur Galvão Padilha Amorim

Bruna Simões dos Santos Lopes

Carolina Amorim Zanellato

Elaine Cristina Borges de Souza

Ellen Santos de Oliveira

Ilesa Venturini Mulinari de Rodran

Jucilene Oliveira Sousa Basílio

Larissa de Souza Viana

Luísa Salomão Gottardo

Maxlaine Coelho Pitanguí

Pablo Alves de Oliveira

Shirlei Conceição Barth Schaeffer

Sophia Souza Schmidt

Realização



Sumário

Apresentação.....	6
Programação (dia 1).....	7
Programação (dia 2).....	8
Resumos das apresentações.....	9

Apresentação

O Encontro Capixaba de Sociolinguistas, promovido pelo PortVix: grupo de estudos de variação e mudança linguística, foi idealizado como um evento em que os membros do PortVix pudessem compartilhar o andamento de suas pesquisas, promovendo, assim, momentos de discussão e reflexão teórica e metodológica sobre os trabalhos desenvolvidos sob perspectiva sociolinguística. A importância do Encontro se revelou no interesse de graduandas e graduandos pela Sociolinguística, alguns dos quais acabaram se tornando membros ativos do PortVix. Nesta terceira edição, o III Encontro Capixaba de Sociolinguistas, mais uma vez, abrirá as portas para que pessoas interessadas pelo estudo da linguagem humana possam conhecer algumas das pesquisas desenvolvidas sob o aporte teórico da Sociolinguística Variacionista, tanto no âmbito dos estudos de produção quanto de percepção. Convencidos de que este poderá ser o ponto de partida para futuras e futuros (socio)linguistas, desejamos que você, leitor/a, aproveite mais esse encontro.

Nossas mais calorosas saudações,
Comissão organizadora.

PortVix: III Encontro Capixaba de Sociolinguistas



Auditório Prof. Décio Neves da Cunha (Auditório do IC 2) da Ufes

Cronograma de apresentações:

04 de novembro		
09h às 09h30	<i>Maria Marta Pereira Scherre</i>	NOVA REVISITA À ANÁLISE DE EFEITOS LEXICAIS NA CONCORDÂNCIA NOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: dados da amostra carioca da década de 1980
09h30 às 10h	<i>Ana Rízia Travassos do Amaral</i>	A VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DO ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE ANTROPÔNIMOS E POSSESSIVOS EM SANTA LEOPOLDINA
10h às 10h30	<i>Jucilene Oliveira de Sousa Basílio</i>	A VARIAÇÃO DE ESTILO NO USO DA PERÍFRASE ESTAR+GERÚNDIO NOS TUTORIAIS DO “ROBLOX” DA PLATAFORMA TIK TOK
10h30 às 11h	<i>André Poltronieri Santos</i>	USOS HIPERCORRIGIDOS E PERCEPÇÃO DE STATUS: uma breve análise da sobreposição de variáveis
Debate das apresentações (11h às 11h30)		
Intervalo para almoço (11h30 às 14h)		
14h às 14h30	<i>Carolina Amorim Zanellato</i>	A FALA DOS TELEJORNALIS CAPIXABAS: análise dos papéis sociais do falante a partir do fenômeno do objeto direto anafórico de terceira pessoa
14h30 às 15h	<i>Pablo Alves de Oliveira</i>	MARCAS DO TEMPO: O objeto direto anafórico na fala capixaba em perspectiva diacrônica
15h às 15h30	<i>Amanda Henriques Machado</i>	A DIMENSÃO SOCIAL NA VARIAÇÃO DOS VERBOS TER E HAVER EXISTENCIAIS: um estudo em tempo real nas revistas da Turma da Mônica
Intervalo (15h30 às 16h)		
16h às 16h30	<i>Larissa Souza Viana</i>	O USO DE CONDICIONAIS EM AMOSTRAS DO PORTVIX
16h30 às 17h	<i>Iesa Venturin Mulinari de Rodran</i>	A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL EM PEÇAS DE TEATRO CAPIXABAS: uma análise em tempo real da 2ª pessoa do discurso
Debate das apresentações (16h30 às 17h)		

PortVix: III Encontro Capixaba de Sociolinguistas



Auditório Prof. Décio Neves da Cunha (Auditório do IC 2) da Ufes

Cronograma de apresentações:

05 de novembro		
09h às 09h30	<i>Sophia Souza Schmidt</i>	A VARIAÇÃO DO /S/ EM CODA EM CONTEXTO DE MIGRAÇÃO: o caso de falantes cariocas no Espírito Santo
09h30 às 10h	<i>Ana Carolina Carnieli Duarte</i>	A ditongação em sílabas tônicas travadas por /s/ no dialeto capixaba
10h às 10h30	<i>Maxlaine Coelho Pitanguí</i>	A Ditongação de /s/ na Fala de Vitória - ES: Uma Análise Variacionista do PortVix2025
10h30 às 11h	<i>Luísa Salomão Gottardo</i>	VARIAÇÃO NA PRONÚNCIA DO DITONGO NASAL <ÃO> NAS TELAS DO INSTAGRAM: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE INFLUENCIADORES DIGITAIS ÍTALO-DESCENDENTES
Debate das apresentações (11h às 11h30)		
Intervalo para almoço (11h30 às 14h)		
14h às 14h30	<i>Ellen Santos de Oliveira</i>	O APAGAMENTO DO /R/ PÓS-VOCÁLICO FINAL NA FALA DE HABITANTES DA REGIÃO MENOS URBANIZADA DE FLORIANÓPOLIS
14h30 às 15h	<i>Elaine Cristina Borges de Souza</i>	PRESTÍGIO ENCOBERTO, IDENTIDADE E SOLIDARIEDADE: evidências no Português Brasileiro
15h às 15h30	<i>Shirlei Conceição Barth Schaeffer</i>	ANÁLISE DE ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS DAS LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO (POMERANO E HUNRÜCKISCH) EM CONTATO COM O PORTUGUÊS NO MUNICÍPIO DE SANTA LEOPOLDINA - ES
Intervalo (15h30 às 16h)		
16h às 16h30	<i>Bruna Simões dos Santos Lopes</i>	Sotaque capixaba e identidade regional: o olhar capixaba sobre a própria fala
16h30 às 17h	<i>Leila Maria Tesch</i>	CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NA VARIEDADE LINGUÍSTICA CAPIXABA
Debate das apresentações (17h às 17h30)		

RESUMOS EXPANDIDOS DAS APRESENTAÇÕES

Nova revisita à análise de efeitos lexicais na concordância nominal no português brasileiro: dados da amostra carioca da década de 1980

Maria Marta Pereira Scherre¹

Palavras-chave: concordância nominal variável; português brasileiro; efeitos lexicais; nomes gerais; redução fonética.

INTRODUÇÃO

Nessa comunicação, apresentamos resultados de efeitos lexicais na variação da concordância de número entre os elementos do sintagma nominal no português brasileiro, com base em uma amostra da fala carioca de 1980, a partir de análise de Scherre (1988, p. 256-276, 1994) revisitada por Scherre (2021). Vamos também avaliar efeitos da redução fonética de alguns itens lexicais. Temos como motivação o Paradoxo Cumulativo de William Labov (1975, p. 202): *"the more that is known about a language, the more we can find out about it"* ("quanto mais se conhece uma língua, mais se pode descobrir sobre ela").

OBJETIVOS

O primeiro objetivo dessa nova revisita aos dados é discutir a hipótese de Amaral e Ramos (2014, p. 38; 44-45, 87-88) na linha de que os efeitos lexicais de Scherre (1998) podem ser interpretados à luz do comportamento da classe dos nomes gerais, no sentido de que nomes dessa classe tendem também a ocorrer sem marcas explícitas de plural. O segundo objetivo consiste em ampliar a análise do papel da redução fonética de alguns itens lexicais na variação da concordância nominal.

PRINCÍPIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Nossa análise se orienta pelos princípios da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (Labov, 1975). Trata-se de uma análise de dados de produção linguística, com o objetivo de entender as variáveis independentes, explicativas ou preditivas que controlam a variação linguística ordenada. A variável dependente ou variável resposta sob análise é a presença vs. ausência da marca explícita de plural nos elementos flexionáveis do sintagma nominal. Apresentamos abaixo alguns casos com todas as marcas de plural vs. casos em que há um ou mais itens sem a marca explícita de plural. Estão em *itálico* os itens lexicais focalizados nesta comunicação:

1. "as *peessoas* procuram"/"eu cumprimento vinte *peessoa*"
2. "ele gosta das *coisas* muito certa"/ "ele fala as *coisa* errada"
3. "aí chega aqueles *caras...*"/"aí veio aqueles *cara* correno atrás dele"
4. "Uns *troços* assim"; "faz aqueles *lances* todos locos, né?"/"tá fritando uns *troço*"/ "anota aqueles *negócio* todo lá"

¹ Professora doutora (UFES/UnB/CNPq); e-mail: mscherre@gmail.com.

5. "pessoal da velha guarda, os *coroas*"; "os *milicos* que estão por trays disso"; "ela recebe trinta *cantadas*, no mínimo"/ "me amarro naquelas *coroa*"; "lá vai os dois *paraíba*"; "vai dar... muitas *cabeçada*"; "aqueles *barato* todo"
6. "a mulhé só fica falando da vida dos *outros*" / "começo a... a falar dos *outro*"
7. "mays os *otros* debocham dimais" / "os *otro* vai te achar chata"
8. "os *otos* dizem que... é mentira" / "os *oto* não reagiru não"
9. "...ele controlava até os *homens*"; "eram dois *homis*"; sempre achei as *mulheres* mais..." / "esses *homem* que andu com essas..."; "os *homi* num tão respeitando mais as *mulher*"; as *mulé* até brigava
10. "tem aquelas *lojinhas* bem *baratinhas*"; "cabou cu panos *todinhos*" / "dois *gansim piquininim* no ninho"; "num tinha aqueles *barquim* de criança"?; "perdeu até os documento dela *todinho*"
11. "os *padrinhoj* desses *garotinhoj* erum oj *garotões*"; "eles querem ser sempre oj *machões*, né?"/ "sei quem é, uns *garotão grandão*"; "dois *dentão* inorme que ela arrancô".

Nesta revisita, reanalisamos 2.156 dados dos 7.658 substantivos de um total de 13.078 dados relevantes. Esses dados foram coletados pelo Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) (Scherre; Roncarati, 2008). Para o tratamento quantitativo dos dados, utilizamos o pacote GoldVarb X (Sankoff, 1988; Sankoff; Tagliamonte; Smith 2005). Os pesos relativos - valores entre 0 e 1 -, projetados por meio de modelo de regressão logística, envolvem uma modelagem com uma variável dependente binária e dez variáveis independentes, todas estatisticamente significativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos em termos de pesos relativos evidenciam que o item lexical *pessoa*, um nome geral prototípico, de uso livre em qualquer tipo discurso, favorece a variante explícita de plural (0,804). Os itens lexicais *coisa* e *cara*, nomes gerais também prototípicos, de usos em discursos mais informais, desfavorecem a variante explícita de plural (0,368 e 0,237). Outros itens lexicais do tipo *troço*, *lance* e *negócio*, classificados como nomes gerais não prototípicos, e também de usos em discursos mais informais, desfavorecem a variante explícita de plural (0,056). Também desfavorecem a variante explícita de plural itens lexicais do tipo *coroa*, *milico*, *cantada*, *paraíba*, *cabeçada*, *barato* e *assemelhados* (0,189), não classificados como nomes gerais, de usos mais informais. Scherre (1988, 1994, 2021) atribui ao tipo de discurso a diferença de comportamento entre o item *pessoa* e os demais itens lexicais, exemplificados de (1) a (5).

Outro aspecto revisitado é o efeito da realização fonética do item substantivado OUTRO, com realização plena - *outro*; com redução da semivogal na primeira sílaba - *otro*; com redução da semivogal na primeira sílaba e queda do *r* na segunda sílaba - *oto*, exemplificados em (6), (7) e (8). Os pesos relativos obtidos indicam que, relativamente, a realização plena *outro* favorece a variante explícita de plural (0,632), a redução da semivogal em *otro* tem efeito intermediário (0,472) e a redução da semivogal e a do *r* desfavorece a variante explícita de plural (0,319). Ampliando a análise do efeito da redução fonética, controlamos a realização fonéti-

ca dos itens *homem* e *mulher*, sem redução e com redução da sílaba final, exemplificados em (9). Os pesos relativos são contundentes: sem redução fonética final, esses itens favorecem fortemente a variante explícita de plural (0,921). Com redução fonética final, esses itens desfavorecem, também fortemente, a variante explícita de plural (0,106). Esse é um aspecto novo no controle da revisita aos dados, que, de forma inequívoca, tem sua interpretação na informalidade lexical, um aspecto interno da informalidade discursiva.

Ampliando a análise do efeito dos itens de grau diminutivo e/ou aumentativo, que tendem também a ocorrer mais em discursos de informalidade discursiva e, relativamente, tendem a desfavorecer a variante explícita de plural (efeitos de 0,464 a 0,043), verificamos que os itens diminutivos em *-im* só aparecem com a variante zero de plural (0/18=0,0%). Portanto, até o presente momento, observamos que a redução fonética subjacente ao *-im* dos diminutivos não apresenta nenhum caso com a variante explícita de plural. Resta um controle fino dessa terminação em itens não diminutivos como *passarinho*, *padrinho*, *sobrinho*, *caminho* e *amendoim*, também desfavorecedores da variante explícita de plural (0,205). Já sabemos que os adjetivos de grau morfológico normal favorecem a variante explícita de plural (0,668) e que os demais substantivos de grau morfológico normal apresentam efeito intermediário (0,480), com 70,8% dos dados da amostra.

CONCLUSÕES

Enfatizamos a generalidade de nossos resultados sobre o comportamento da concordância nominal no português brasileiro na linha do papel consistente da (in)formalidade lexical e sugerimos futuras pesquisas com base na descoberta de Poplack (1980) de marca zero-zero (-zero) de plural no espanhol de Porto Rico, na de Guilherme (2021) sobre o plural zero no português brasileiro e nas ponderações de Scherre (2021) sobre plural zero-zero (-zero) em casos como “vou fazer a minha unha”; “essa coisa toda”; “filha, lava o pé, a mão e escova o dente”; “Ah, peguei o abacate, tô levando uns cinquenta pro pessoal”. Enfim, o Paradoxo Cumulativo *pede passagem!*

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; RAMOS, Jânia Martins Ramos. **Nomes gerais no português brasileiro**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014. 153 f.
- GUILHERME, Maurício Rubens de Carvalho. **Lexicalização-degramaticalização do plural no português falado em Belo Horizonte**. 2021. 202 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.
- LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.
- POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on (s) deletion. In: LABOV, William. (Eds.). **Locating language in time and space**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (eds.) **Sociolinguistics**: An international handbook of the science of language and society. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-997/8.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali & SMITH, Eric. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, Department of Mathematics and Statistics, University of Ottawa 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. 555 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Grau e formalidade léxica na concordância nominal. **3º Seminário da pós-graduação em Letras** – Pesquisa, 1988, Rio de Janeiro. Anais, Rio de Janeiro UFRJ/FL, 1994, p. 147-156.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. De volta ao passado para buscar entender o futuro: revisitando efeitos lexicais na concordância nominal em amostras d fala carioca de 1980. In: REZENDE, Patrick; BRAMBILA, Guilherme. **Percursos em Linguística**: Teorias, abordagens e propostas. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2021, p. 11-71.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; RONCARATI, Cláudia. Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL): origens e trajetórias. In: Votre, Sebastião; Roncarati, Cláudia. (Orgs.) **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil** – uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 Letras, 2008, p. 37-49.

A VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DO ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE ANTROPÔNIMOS E POSSESSIVOS EM SANTA LEOPOLDINA

Ana Rízia Travassos do Amaral¹
Leila Maria Tesch²

Palavras-chave: Artigo definido; Antropônimos; Possessivos; Santa Leopoldina.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, apoiada na Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]), originou-se a partir do objetivo de analisar a variação morfosintática do artigo definido antes de antropônimos, como em *Fui na casa de Pedro vs Fui na casa do Pedro*, e possessivos, como em *Falei com minha mãe vs Falei com a minha mãe*, na cidade de Santa Leopoldina, no Espírito Santo. A presente pesquisa seguiu a metodologia de Campos Júnior (2011) que, ao analisar a cidade de Vitória, constatou que a capital capixaba realiza o artigo definido antes de antropônimos e possessivos com uma frequência muito menor que outras capitais brasileiras. Sendo assim, essa frequência se configura como parte da variação da capital capixaba.

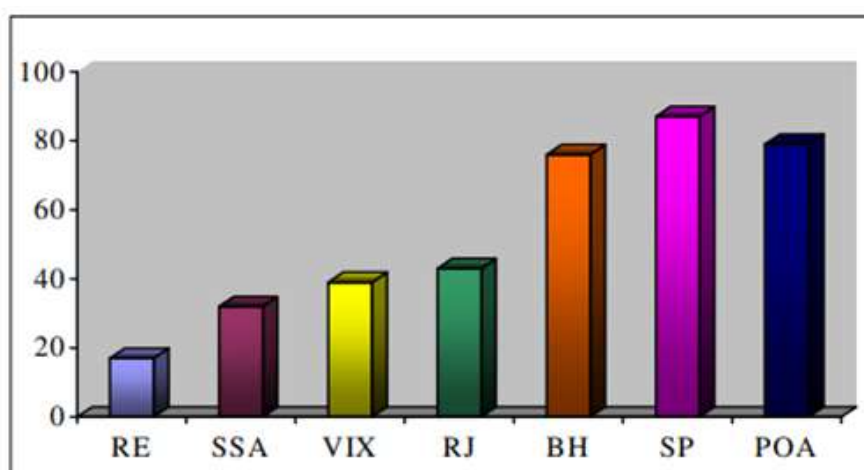


Gráfico 1 - Realização do artigo definido diante de antropônimos de acordo com a origem geográfica (%). Fonte: Campos Júnior, 2011, p. 75.

¹ Graduanda em Letras Português (DLL/UFES); e-mail: ana.r.amaral@edu.ufes.br

² Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFES); e-mail: leila.tesch@ufes.br

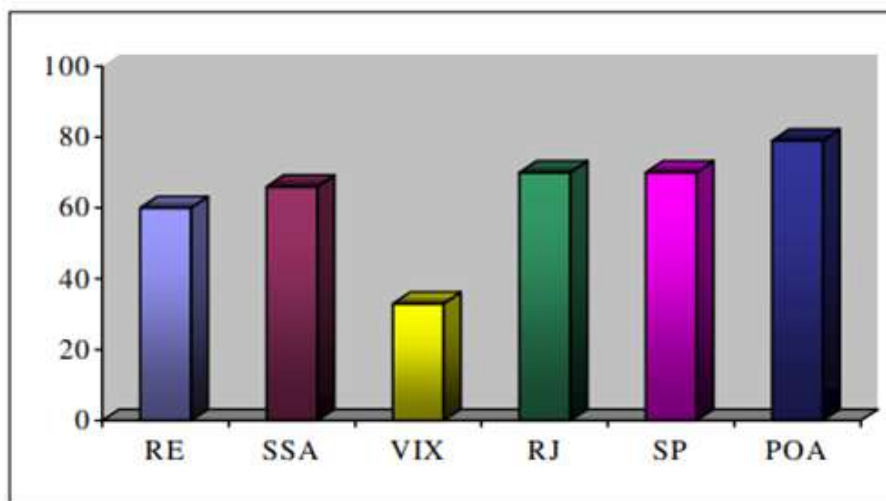


Gráfico 2 - Realização do artigo definido diante de possessivos de acordo com a origem geográfica (%).
Fonte: Campos Júnior, 2011, p. 76.

Sob esse contexto, pensou-se numa análise desse fenômeno na região rural do Espírito Santo, considerando a realidade linguística do estado, que ainda é pouco explorada fora da região metropolitana. Considerando o fato de Santa Leopoldina ser o município capixaba com o maior índice de pessoas vivendo em zona rural (Lopes, 2014, p. 52), pensou-se em analisar a variação do artigo definido antes de antropônimos e possessivos no município para posterior comparação com a variação de Vitória.

A principal hipótese definida para a pesquisa foi a de que Santa Leopoldina teria uma frequência maior do uso do artigo definido, o que contribuiria para a conclusão de que a ausência do artigo seria uma variação típica de Vitória. Por outro lado, pensou-se na influência que a capital exerce sobre a zona rural, seja pela mídia ou pela realidade econômica e social de Santa Leopoldina, que leva muitos de seus moradores a se deslocarem para Vitória. Conforme aponta Bortoni-Ricardo (2004, p. 52), há um contínuo de urbanização que conecta o rural ao urbano por meio de agências padronizadoras da língua, de modo que não se pode estabelecer fronteiras rígidas entre essas duas esferas. A presente pesquisa, para além de resultados do artigo definido em si, também buscou trazer maior compreensão sobre essa relação.

METODOLOGIA

A fim de estabelecer uma análise comparativa entre capital e interior, a metodologia seguiu, dentro do possível, os passos da pesquisa de Campos Júnior (2011). O corpus utilizado foi coletado entre 2011 e 2013 e faz parte do banco de dados do PortVix. A amostra é composta por entrevistas com pessoas naturais e residentes de Santa Leopoldina por toda a vida.

Para a presente pesquisa, utilizou-se uma célula de cada perfil social, totalizando 12 entrevistas utilizadas, como consta no Quadro 1.

Quadro 1 – Recorte de *corpus* para análise

Faixa Etária ³	Sexo	Escolaridade
1	Mulher	E. Fundamental
1	Homem	E. Fundamental
2	Mulher	E. Fundamental
2	Mulher	E. Médio
2	Homem	E. Fundamental
2	Homem	E. Médio
3	Mulher	E. Fundamental
3	Mulher	E. Médio
3	Homem	E. Fundamental
3	Homem	E. Médio
4	Mulher	E. Fundamental
4	Homem	E. Fundamental

Fonte: Elaboração própria; Lopes, 2014.

Em relação à análise, seguiu-se critérios sociais, sendo estes:

- I) Sexo — masculino ou feminino;
- II) Faixa Etária — seguindo a organização do Quadro 1;
- III) Escolaridade — ensino fundamental ou ensino médio.

Além disso, seguiu-se e os critérios linguísticos:

- I) Tipo de preposição (com, para, de, em e ausência);
- II) Gênero do antropônimo;
- III) Natureza do Possuído (parente, não parente, parte do corpo, objeto e abstrações).

Para os possessivos, a análise considerou apenas os pronomes *meu/minha/meus/minhas*.

RESULTADOS

Diferentemente das hipóteses, a realização do artigo definido diante de antropônimos e possessivos em Santa Leopoldina se mostrou ligeiramente mais alta que Vitória, com uma diferença de apenas 3% (cf. tabelas 1 e 2). Esperava-se um distanciamento maior, com o uso do artigo praticamente absoluto, em oposição ao uso na capital, como no caso de Minas Gerais (Carvalho, 2017), por exemplo.

[1] A faixa etária foi organizada da seguinte maneira: 1) 07 a 14 anos; 2) 15 a 25 anos; 3) 26 a 49 anos; 4) 50 adiante. A pesquisa não contou com células pertencentes à faixa etária 4 e com ensino médio, pois na época da coleta do corpus, o acesso à educação regular em Santa Leopoldina era uma realidade recente.

Tabela 1 – Realização do artigo definido diante de antropônimos de acordo com a origem geográfica

	Santa Leopoldina	Vitória
Freq.	55/131	118/300
(%)	(42)	(39)

Fonte: Elaboração Própria; Campos Júnior, 2011.

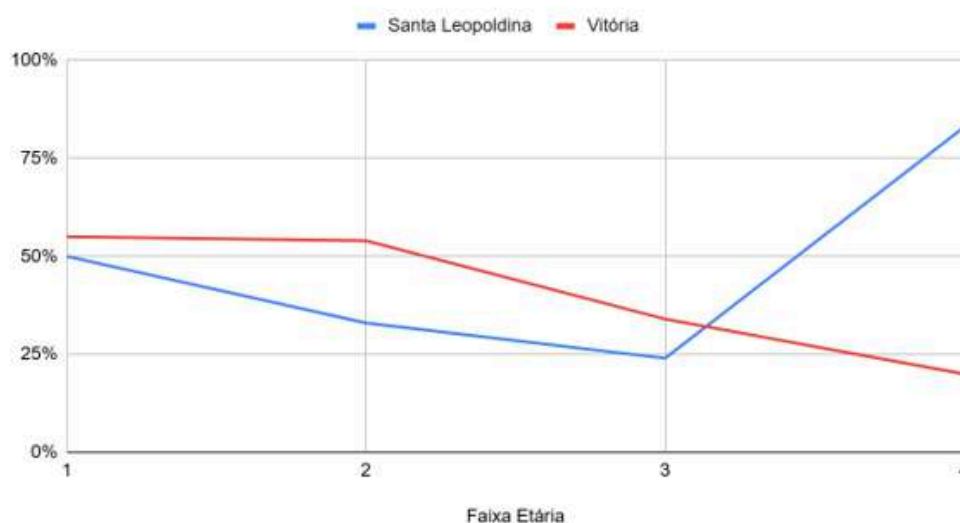
Tabela 2 – Realização do artigo definido diante de possessivos de acordo com a origem geográfica

	Santa Leopoldina	Vitória
Freq.	159/444	331/1016
(%)	(36)	(33)

Fonte: Elaboração Própria; Campos Júnior, 2011.

Esses dados sugerem que, nesse contexto, o emprego do artigo definido apresenta-se relativamente estabilizado, não se destacando como uma variável fortemente condicionada pela origem geográfica dos falantes.

Dentre os critérios sociais e linguísticos estabelecidos, os resultados dos antropônimos e dos possessivos divergem: em relação aos antropônimos, os critérios mais relevantes foram sexo e faixa etária. Em Santa Leopoldina, os homens realizam mais o artigo definido do que as mulheres, seguindo o padrão de Vitória. Em contrapartida, a faixa etária segue uma frequência bastante diferente: a faixa etária 4, em Santa Leopoldina, realiza artigo definido em 83% das ocorrências, enquanto que, em Vitória, essa realização é de apenas 20%.



Fonte: Elaboração própria; Campos Júnior (2011).

Em relação aos possessivos, os critérios linguísticos forneceram dados mais relevantes para a análise, com destaque para tipo de preposição e natureza do possuído. As preposições de e em alcançaram quase 100% de ocorrências de artigo nas duas cidades, o que demonstra que estas funcionam como fortes gatilhos estruturais para a presença do artigo de maneira geral. Esses resultados reforçam a ideia de que, nesse contexto, os condicionadores linguísticos se sobrepõem às diferenças sociais entre as comunidades analisadas. Essa tendência não acontece com a preposição com, que teve apenas 5% de realização de artigo em Santa Leopoldina, enquanto Vitória realizou 31% de artigo definido nesse mesmo contexto. Para essa variação, os critérios sociais não expressaram grande relevância, assim como na análise da natureza do possuído, cujos resultados mostraram que, de maneira geral, Santa Leopoldina realiza menos artigo do que Vitória ao se referir à partes do corpo, não parentes e, principalmente, parentes, com 31% de ocorrências em Santa Leopoldina versus 66% em Vitória.

Paralelamente a esses resultados, a variável escolaridade demonstrou uma evidência contrária ao que comumente se vê nessas circunstâncias. Silva (1982) e Nazário (2007) afirmam que quanto maior a instrução escolar, maior o uso de artigo. Essa evidência, no entanto, não acontece em Santa Leopoldina, como demonstra a Tabela 3:

Tabela 3 – Uso do artigo definido diante de possessivos de acordo com a escolaridade em %

Escolaridade	Santa Leopoldina	Vitória
E. Fundamental	40%	26%
E. Médio	29%	38%
Total	42%	39%

Fonte: Elaboração própria; Campos Júnior (2011).

É possível que o contínuo de urbanização (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52) tenha influência nessa variação, já que a maioria dos agricultores mais velhos possuem apenas o ensino fundamental, ao mesmo tempo em que são a parcela da população que mais sai da cidade em decorrência do comércio.

CONCLUSÕES

Concluimos que os resultados do estudo de Campos Júnior (2011) são muito próximos aos resultados alcançados na presente pesquisa, com diferenciações que evidenciam que a variação do artigo definido é traço típico da capital e se reproduz no interior de maneiras distintas que respondem à realidade social de Santa Leopoldina. As evidências exploradas oferecem mais um tópico para as discussões acerca do sotaque capixaba, que ainda não é bem definido nem pela academia, nem pelos cidadãos do Espírito Santo.

REFERÊNCIAS

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O português brasileiro. In: **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. O comportamento linguístico dos jovens de Barra Longa/Mg em relação ao uso do artigo definido diante de antropônimos. **Caletroscópio**, v. 5, n. 8, p. 69-90, 2017.
- CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva. **A variação morfossintática do artigo definido na capital capixaba**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, L. O. J. **A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- NAZÁRIO, Maria de Lurdes. **Uso variável do artigo definido diante de pronome possessivo na variedade linguística da comunidade de fala dos Almeidas**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.
- SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. **Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro**. 1982. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

A VARIAÇÃO DE ESTILO NO USO DA PERÍFRASE ESTAR+GERÚNDIO NOS TUTORIAIS DO “ROBLOX” DA PLATAFORMA TIK TOK

Jucilene Oliveira Sousa Basilio¹

Palavras-chave: Perífrase *estar+gerúndio*; Acomodação da fala; Tutorial Roblox.

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho investiga-se, à luz da Sociolinguística, a variação existente no uso das perífrases com gerúndio no português falado do Brasil, a fim de delimitar a variação de estilo na qual a estrutura *estar+gerúndio* se insere nos campos: presente, infinitivo e infinitivo futuro. Cabe, pois, delimitar as três variáveis dependentes, a saber: (i) presente frequentativo (*estar+gerúndio* ~ presente); (ii) infinitivo (*estar+gerúndio* ~ infinitivo), ((modal)+infinitivo ~ (modal)+*estar+gerúndio*); e (iii) futuro (*ir+estar+gerúndio* ~ *ir+infinitivo*).

É fato que o fenômeno linguístico da perífrase *estar+gerúndio* está documentado e analisado por meio de importantes pesquisas, como Cunha (2004), Santos (2008) e Basílio (2011). No entanto, sempre há a necessidade de se observar os dados da fala cotidiana para caracterizar seu relacionamento com as teorias linguísticas na busca de análises que possam confirmar ou atualizar a situação do uso da perífrase *estar+gerúndio*, sua forma, função e expansão, na fala dos brasileiros de várias classes sociais e/ou grupos profissionais.

Nesta pesquisa, em especial, apresentamos considerações sobre as dimensões estilísticas presentes nas realizações das estruturas com a perífrase *estar + gerúndio*, observadas na interação socio virtual — portanto, na “comunicação pública” — do domínio discursivo, no gênero tutorial do jogo *Roblox*, na plataforma TikTok.

A didaticidade do gênero tutorial, associada aos objetivos relacionados ao alcance de *robux*, moeda utilizada para a aquisição de itens, roupas e acessórios para avatares, faz com que parte das crianças da plataforma se dediquem à criação de vídeos instrutivos, com o objetivo de instruir novos usuários infantis no processo de inserção ao universo da programação, tornando a plataforma acessível e educativa.

Dessa forma, serão analisados os dados oriundos da transcrição de 30 vídeos viralizados em domínio público, nos quais os personagens são construídos por meio de *skins* (o avatar do jogador) e do uso de codinomes para a preservação da identidade, conforme pode ser observado no dado (1).

(1) Quer começar a vender blusa no Roblox? Mas não sabe por onde começar? Relaxa, que eu te ajudo. Oi, prazer, eu sou a Deb. Eu *tô passando* tutorial, que talvez te ajude. Bom, a gente só *vai precisar* de um aplicativo. Como sempre, *eu passo* só um aplicativo, tá gente? E um site que ele não tem nada demais, é só pra você *ver* como que a blusa *vai ficar* no final. Bom, e o nome do aplicativo é MakerBlox. Gente, ele é um aplicativo ótimo, e eu vou *tá mostrando* pra vocês tudo que tem dentro dele. (T/Deb-A2)

¹ Graduada em Letras Português e Inglês e respectivas Literaturas (Faculdade de Aracruz); Mestra em Estudos Linguísticos (UFES) e Doutoranda em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFES); e-mail: jucilene.basilio@edu.ufes.br.

Em geral, tem-se que no gênero tutorial o falante busque um estilo de fala combine clareza, objetividade e empatia para que seus ouvintes (seguidores) alcancem o objetivo proposto, como vemos apresentado no dado (2)

(2) Abrindo ele aqui com vocês, nós conseguimos ver que ele tem vários modelos de blusa, tem vários modelos de short, é só você escolher o modelo e colocar a cor que você quer. Cara, e é super simples! Você salva e posta lá no seu negócio de vendas. Bom, eu *vou escolher* uma blusa aqui, e se vocês *podem escolher* a mesma, só pra seguir o tutorial, mas tem vários outros aí, você pode escolher também. Mas eu *vou tá escolhendo* esse daqui, que eu tô clicando agora. Eu só vou assistir um anúnciozinho, né? E a gente vai conseguir fazer. Bom, eu tô colocando uma cor clássica, né?, das blusas do Roblox, que é a cor preta. (T/Deb-A2)

Por ora, pretende-se, buscar soluções teóricas complementares, conforme a proposta de Oliveira (1999) na apreensão de nuances entre as vertentes, o que consistem justamente no diálogo entre as teorias para melhor compreensão das realizações da perífrase *estar+gerúndio* na língua falada no português brasileiro. Portanto, para subsidiar este estudo, tecemos considerações a respeito: (i) do estilo de fala motivada por um *contexto situacional* no qual a ocasião determina as estruturas possíveis para cada contexto, conforme a perspectivas de Hasan (apud Meurer, Bonini, Motta-Roth, 2005); (ii) da caracterização da Identidade Social assumida pelo falante, e seu comportamento linguístico evidenciando pela variabilidade estilística individual (Coupland, 2007); (iii) da variação de estilo, no âmbito da Acomodação Dialetal, realizada pelo falante ao adaptar sua fala à situação discursiva e às características dos ouvintes, e ou sua audiência, segundo o princípio da “Audience Designer” (Giles, 1987; Bell, 1984).

OBJETIVOS

Contribuir para a compreensão da expansão linguística e social do uso da construção *estar+gerúndio* no português brasileiro, com especial atenção ao gênero discursivo dos tutoriais da plataforma Roblox veiculados no TikTok.

Objetivos específicos

- Investigar o papel social da perífrase *estar+gerúndio* na construção do estilo da fala infantil;
- Analisar as motivações da variação na prática estilística.

METODOLOGIA

Para subsidiar esta pesquisa, utilizamos o método quali-quantitativo, também conhecido como abordagem mista, popularizado por Baptista e Campos (2007), os quais destacaram a importância de combinar abordagens qualitativas e quantitativas para obter uma melhor compreensão dos fenômenos estudados.

A coleta dos dados foi feita com o auxílio do site *ssstik.io/pt*, uma ferramenta online gratuita que permite baixar vídeos do TikTok e salvá-los no formato MP3. Posteriormente, para a atividade de transcrição dos dados, utilizamos o *Monica.im*, uma plataforma de assistente pessoal baseada em inteligência artificial para as transcrições dos dados. Por fim, os dados são codificados no *Excel*, e o processamento, bem como as análises estatísticas, apresentados no *Power BI*.

DISCUSSÕES

Considerando a potencialidade da variação estilística presente no gênero discursivo tutorial, observa-se que, nesse contexto, o estilo de fala adotado é predominantemente direto, instrucional e objetivo, com ênfase na orientação dos seguidores para a realização de tarefas. Os tutoriais de Roblox veiculados na plataforma TikTok exemplificam essa dinâmica, ao apresentarem traços linguísticos alinhados à intencionalidade comunicativa, favorecendo, assim, a compreensão e a execução das instruções propostas nos vídeos.

Essa configuração estilística está diretamente relacionada ao contexto de produção e recepção do gênero, o que remete as considerações de Basílio (2011), segundo a qual o contexto constitui um sistema de “relevâncias motivadoras” para o uso da linguagem, atuando como uma força dinâmica na constituição dos gêneros linguísticos compartilhados na interação. À luz das expectativas delineadas pela autora e com o intuito de identificar a configuração contextual em que a perífrase estar+gerúndio emerge como estrutura recorrente, procedeu-se à análise do contexto discursivo. Os resultados indicam que os gêneros relato de procedimento e relato de opinião configuram situações comunicativas marcadas por valores normativos que favorecem a variação estilística no interior de uma comunidade de fala, evidenciando, assim, a estreita relação entre contexto, intencionalidade e escolhas linguísticas no gênero tutorial. Estima-se que as análises, dos tutoriais, realizadas neste estudo revelem tendências que contribuam para a compreensão da variação estilística na fala de crianças inseridas no universo digital da plataforma Roblox.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. **Metodologias de Pesquisa em Ciências: análises quantitativa e qualitativa**. Rio de Janeiro: LTC, 2007.
- BASÍLIO, J. O. S. **A expansão das perífrases de gerúndio no português brasileiro**. 2011. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- BELL, Allan. Language style as audience design. **Language in Society**, 13: 145-204, 1984.
- CUNHA, L. D. A. S. **O gerúndio como expressão da modalidade em português**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ: 2004.
- COUPLAND, Nikolas. Language, situation and relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: Penelope Eckert; Jonh R. Rickford (eds). **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 185-210.
- _____. **Style: Language variation and identity: key topics in sociolinguistics**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2007.
- GILES, Howard (Ed.). **Language, Ethnicity and Intergroup Relations**. London; New York: Academic Press, 1977.
- GILES, Howard; COUPLAND, Justine; COUPLAND, Howard. **Accommodation theory: communication, context and consequence**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward, Arnold Publishers, 1985.
- HASAN, Ruqaiya. The conception of context in text. In: FRIES, P. H.; GREGORY, M. (Ed.). **Discourse in Society: Systemic Functional Perspectives**. Norwood, NJ: Ablex, 1995. p. 183-283.
- HASAN, R. Parte B. in: HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. **Language, Context, and Text: aspects of language in a Social-semiotic Perspective**. Oxford: OUP, 1989.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos** (trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 184-207.
- OLIVEIRA, R. P. **Uma história de delimitações teóricas: 30 anos de semântica no Brasil**. D.E.L.T.A., v.15, especial, 1999, p. 291-321.
- SANTOS, T. P. de A. S. **Só um instante, Senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: gerundismo, preconceito e a expansão da mudança**. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2008.
- TRUDGILL, Peter. **Dialects in Contact**. Oxford: Blackwell, 1986.

USOS HIPERCORRIGIDOS E PERCEPÇÃO DE STATUS: uma breve análise da sobreposição de variáveis

André Poltronieri Santos¹

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Percepção. Hipercorreção. Relativo *qual*.

INTRODUÇÃO

Embora menos numerosos relativamente aos estudos de produção, o Brasil tem acumulado uma série de estudos de percepção sociolinguística (Canever, 2017; Mendes, 2018; Oushiro, 2015; Santos, 2025, para citar apenas alguns). Esse último trabalho buscou identificar os significados sociais de dois tipos de orações relativas, ilustradas abaixo com exemplos reais da amostra PortVix (Yacovenco *et al.*, 2012):

(1) a. Relativa cortadora: [...] ou fazer uma coisa *que eu não goste mesmo* entendeu? (PortVix: masc.15-25-ES).

b. Relativa com hipercorreção do *qual*: você tem que montar um presídio *ao qual você tem um trabalho pra ele* (PortVix: masc.50-EM).

A oração relativa em (1b) consiste em uma hipercorreção, dada a realização não padrão das regras de regência e/ou concordância envolvidas no uso do relativo *qual*. No caso ilustrado em (1b), a contraparte considerada padrão seria “um presídio *no qual* você tem um trabalho para ele” (= você tem um trabalho para ele *no* presídio, e não *ao* presídio).

Com o objetivo de investigar os significados sociais associados ao uso hipercorrigido do relativo *qual*, realizamos um experimento de percepção em que ouvintes deveriam ouvir estímulos justapostos com relativas cortadoras e hipercorreções do *qual*. Examinamos o efeito de variáveis estruturais, como o pronome relativo empregado na oração (*que* ou *qual*) e o par de estímulos ouvido (se era o primeiro par de estímulos ou o segundo), assim como o efeito de variáveis sociais, como a área de formação dos participantes.

Buscamos, com o presente trabalho, empreender uma breve discussão sobre o efeito de variáveis sobrepostas no estudo de percepção, quais sejam, i) o conteúdo dos estímulos ouvidos e b) a estrutura da hipercorreção.

¹ Egresso do PPGEL (UFES) e membro do PortVix; e-mail: a-polt@hotmail.com

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O estudo de percepção apresentado neste trabalho se fundamenta nos princípios da sociolinguística variacionista (Weinreich, Labov e Herzog, 1966; Labov, 2008 [1972]), especificamente o problema da avaliação. Destacamos também que a escolha por analisar percepções sobre estruturas hipercorrigidas se baseia em estudos que se debruçaram sobre as hipercorreções do qual, cujas conclusões demonstram que esse relativo funciona como um índice de prestígio social (Lorevice, 2012; Silva, 2021).

OBJETIVOS

O objetivo do presente trabalho é examinar o efeito de variáveis sobrepostas no experimento, tendo em vista a pertinência de questionamentos levantados na ocasião da defesa deste trabalho. As reflexões aqui propostas constituem uma tentativa de argumentar que, embora a estrutura da hipercorreção possa ter influenciado a percepção dos participantes, o conteúdo dos estímulos parece explicar os resultados mais razoavelmente.

METODOLOGIA

O referido experimento de percepção foi desenvolvido de acordo com a técnica *open-guise*. Dois homens de aproximadamente 35 anos de idade gravaram dois pares de estímulos cada, apresentados em (2a-d), abaixo:

- (2) a. Essas ondas de calor estão cada vez mais fortes. A principal consequência, *que* todo mundo se preocupa, é o impacto nas plantações.
- b. Essas ondas de calor estão cada vez mais fortes. A principal consequência, *do qual* todo mundo se preocupa, é o impacto nas plantações.
- c. Toda semana eu compro frutas de pequenos produtores. Um amigo meu, *que* confio muito, é pequeno produtor.
- d. Toda semana eu compro frutas de pequenos produtores. Um amigo meu, *a qual* confio muito, é pequeno produtor.

Os estímulos (2a e 2c) apresentam relativas cortadoras encabeçadas apenas pelo relativo *que*. Os estímulos (2b e 2d), por sua vez, apresentam hipercorreções do relativo *qual*, isto é, usos em que as regras de regência e concordância, subjacentes ao uso desse relativo, foram realizadas de forma não padrão.

Esses estímulos foram implementados a um questionário, solicitando que os participantes os ouvissem e avaliassem de acordo com as seguintes características, organizadas em escalas de cinco pontos: *formal, culto, inteligente, simpático, tem credibilidade, esforçado, confiante, pedante e classe social*.

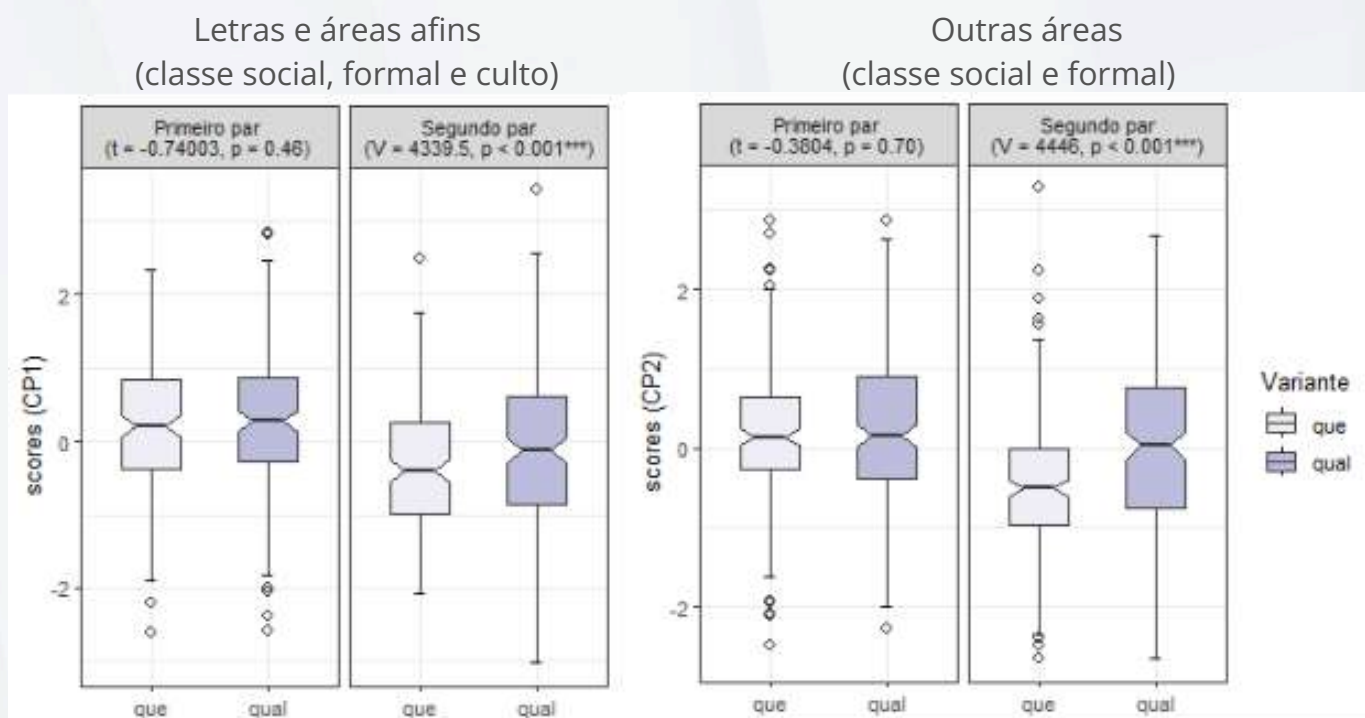
As respostas foram organizadas de acordo com a área de formação dos participantes: de um lado, participantes de cursos de Letras e de áreas afins; do outro, participantes de áreas não afins à de Letras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram submetidos a análises de componentes principais para verificar se havia correlação entre as escalas, que puderam então ser reestruturadas em três componentes: status, admiração e pedantismo. Neste trabalho, exploraremos apenas a dimensão de status, que compreende as escalas formal, culto e classe social (para os participantes de Letras e áreas afins), e formal e classe social (para áreas não afins à de Letras).

A análise das respostas revelou que, para ambos os grupos de participantes, os estímulos com hipercorreção do relativo qual foram avaliados mais positivamente que os estímulos com relativas cortadoras. Também verificamos se haveria diferença nas percepções dos estímulos de acordo com o par de estímulos ouvido. A Figura 1 apresenta os gráficos referentes à percepção de status de acordo com a variante e o par de estímulos em cada subconjunto de dados.

Figura 1 - *Boxplots* referentes às percepções de *status* de acordo com variante e par de estímulos ouvido



Fonte: elaboração própria

Na parte superior desses gráficos, incluímos resultados de testes-t/Wilcoxon para estimar o valor-p comparando-se os *scores* dos estímulos de um mesmo par. Verifica-se, pois, que, para ambos os grupos de participantes, houve diferença significativa nas percepções de *status* apenas entre os estímulos do segundo par.

Entre as observações que consideramos mais pertinentes, destacamos o fato de que ambos os grupos de participantes atribuíram notas mais baixas para os estímulos do segundo par em comparação com os do primeiro. Em outras palavras, os participantes tiveram percepções de menos *status* (isto é, atribuíram notas mais baixas às escalas formal, culto e classe social) quando ouviram os estímulos do segundo par.

Ademais, embora seja possível que a “incongruência” na estrutura da hipercorreção em “um amigo meu, **a** qual...” possa ter elevado o grau de consciência dos participantes sobre a estrutura hipercorrigida, permanece a flagrante diferença na percepção de *status* entre os estímulos do segundo par, com a hipercorreção recebendo notas mais altas do que o estímulo com a relativa cortadora. Tais resultados nos mostram que os ouvintes tiveram percepções de que a relativa hipercorrigida seria uma forma associada a mais *status* do que a cortadora, corroborando as conclusões de Lorevice (2012) e Silva (2021), de que o relativo *qual* pode funcionar como um índice de prestígio.

CONCLUSÕES

Embora não possamos responder se a diferença nas percepções dos estímulos hipercorrigidos se deveu à estrutura da hipercorreção, nem se tal diferença se deveu ao conteúdo dos estímulos, o que parece explicar mais razoavelmente esses resultados é que o conteúdo dos estímulos do segundo par, que consiste em uma afirmação sobre compra de produtos de pequenos produtores rurais, pode ter soado mais informal (e associado a classes sociais mais baixas) do que a constatação aparentemente mais técnica sobre o impacto das ondas de calor, apresentada no primeiro par.

REFERÊNCIAS

- CANEVER, Fernanda. **Infinitivo Flexionado em Português Brasileiro**: frequência e percepções sociolinguísticas. 2017. 140f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos** (trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOREVICE, Natália Cristina. **Usos não-padrão das Estratégias de Relativização no Português Brasileiro**: hipercorreção e estilo. 2012. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

- MENDES, Ronald Beline. **Percepção e performance de masculinidades:** efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal. 2018. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade:** avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. 394f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SANTOS, André Poltronieri. **Hipercorreção e mobilização de significados sociais:** percepções sobre o uso do relativo qual em um estudo open-guise. 2025. 254f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2025.
- SILVA, Adriana Aparecida da. **Os usos de qual em Cartas de Reclamação:** uma análise para além da relativização. 2021. 188f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2021.
- SOUKUP, Barbara. On matching speaker (dis) guises–revisiting a methodological tradition. **Language (de) standardisation in late modern Europe:** Experimental studies, p. 267-285, 2013.
- YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; TESCH, Leila Maria; BRAGANÇA, Marcela Langa L.; EVANGELISTA, Elaine Meireles; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de; CALMON, Elba Nusa; CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid Franco; BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SILVA, Janaína Biancardi da; BERBERT, Aline Fonseca; BENFICA, Samine de Almeida. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. **Alfa**, v. 56, p. 771-806, 2012.

A FALA DOS TELEJORNALIS CAPIXABAS: análise dos papéis sociais do falante a partir do fenômeno do objeto direto anafórico de terceira pessoa

Carolina Amorim Zanellato¹

Palavras-chave: Objeto direto anafórico; linguagem telejornalística; variedade capixaba.

INTRODUÇÃO

A variação e a mudança linguísticas são fenômenos inerentes às línguas naturais e passaram a ser estudadas de forma sistemática a partir da década de 1960, com o surgimento da Sociolinguística Variacionista, proposta pelo linguista estadunidense William Labov. Segundo Labov, a língua não é homogênea, mas possui aspectos que podem variar sem juízo de valor.

No português brasileiro, um dos fenômenos de destaque nesse campo é a variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa, que pode ser expressa por diferentes formas, como o clítico acusativo, o pronome lexical, o objeto nulo e o sintagma nominal (que, neste trabalho, dividimos em duas categorias: o idêntico, em que não há mudança na forma do sintagma entre o referente e a anáfora, como no exemplo “A *plataforma* usa jogos educacionais para estimular o aprendizado de crianças com autismo ou déficit de atenção, por exemplo. [...] A inspiração para desenvolver **a plataforma** veio de casa. [Repórter do JTVV]”; e modificado, em que há uma mudança na forma do sintagma entre o referente e o conseqüente, como em “O movimento de *pacientes* com suspeita de dengue aumentou em 74% nas unidades de saúde [...]. Em Maruípe, foi montado um ponto de hidratação para receber **os doentes**”. [Repórter do Boa Noite ES]).

Pesquisas pioneiras sobre o tema no vernáculo (Omena, 1978; Duarte, 1986; Malvar, 1992) apontam uma tendência de retração no uso do clítico acusativo, enquanto o objeto nulo aparece como a forma mais recorrente. Em contrapartida, em gêneros textuais mais formais, sobretudo na escrita — como nos textos jornalísticos —, o clítico ainda demonstra resistência, conforme indicam Duarte e Freire (2015) e Lima (2022).

Diante desse cenário, o presente estudo tem como propósito investigar o uso do objeto direto anafórico em telejornais capixabas, com base na análise de três programas jornalísticos que competem em audiência no horário noturno e são exibidos na região metropolitana do Espírito Santo.

O TELEJORNAL

Entendemos os telejornais, *corpus* utilizado para a realização desse trabalho, como um hipergênero dentro de uma mídia, noção estabelecida por Bonini (2011). Segundo o autor,

¹ Doutoranda (PPGEL/UFES); e-mail: carolinaaz_8@hotmail.com

Diferentemente do hipergênero, a mídia não é um grande enunciado, mas um continente para os enunciados. Ela dispõe os sujeitos e suas locuções numa determinada ordem espacial e temporal, fazendo o mesmo com os interlocutores. Por vezes, elas também apresentam gêneros organizadores (como é o caso das vinhetas nos canais de televisão). Gêneros e hipergêneros se ajustam às formas de produção e recepção possibilitadas pela mídia. O hipergênero pode preencher o todo de uma mídia (como é o caso do jornal, da revista), mas ele também pode ser apenas um grande enunciado em meio a outros em determinada mídia (a exemplo do telejornal e do programa de entrevistas na televisão). (Bonini, 2011, p. 693).

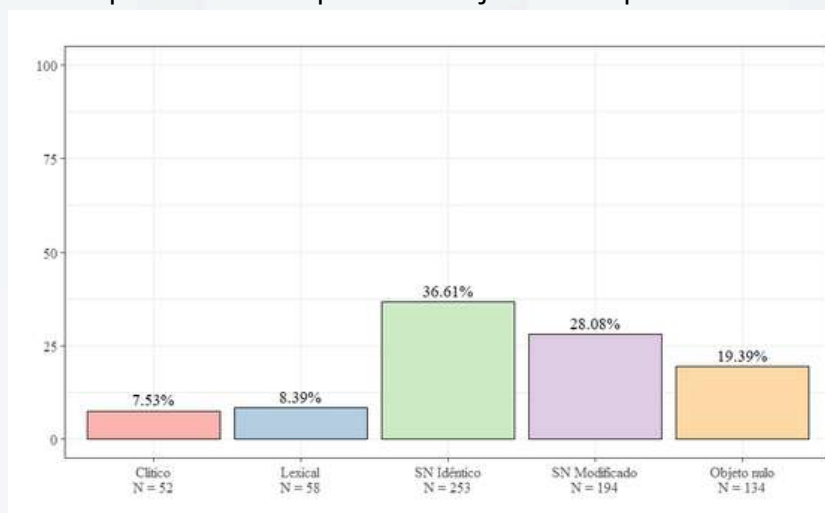
No trabalho em tela, selecionamos três telejornais regionais do ES para análise: o Boa Noites ES, telejornal noturno da TV Gazeta, afiliada da Rede Globo no ES, e que possui duração média de 20 a 25 minutos; o Tribuna Notícias 2ª edição, telejornal noturno da TV Tribuna, afiliada SBT no ES e que também tem duração média de 20 a 25 minutos; e o Jornal da TV Vitória, telejornal noturno da TV Vitória, afiliada Rede Record no ES. É um pouco maior, possuindo duração média entre 25 a 30 minutos.

Escolhemos 20 episódios de cada um dos telejornais analisados, datados entre dezembro de 2022 a maio de 2023. Os episódios foram baixados e transcritos por programas específicos. Depois, levantamos as ocorrências de objeto direto anafórico de terceira pessoa e as codificamos. O tratamento estatístico foi feito pela linguagem R (R Core Team, 2021), a partir da interface RStudio.

RESULTADO GERAL

O resultado geral demonstra que os sintagmas nominais, tanto idênticos, quanto modificados, são as formas mais utilizadas nos telejornais, com quase 65% das ocorrências, seguidos pelo objeto nulo com 19,39%. O clítico acusativo, embora acima da média de outros estudos, possui menos de 10% das ocorrências, assim como o pronome lexical, que possui somente 7,53% do total.

Gráfico 1 - Proporções do uso das variantes do objeto direto anafórico de terceira pessoa no corpus de telejornais capixabas



Fonte: elaboração própria.

PAPEL SOCIAL DO FALANTE: HIPÓTESES

Em nosso trabalho, elencamos quatro principais atores dentro dos telejornais: a âncora, aquela que apresenta o telejornal, o repórter, o entrevistado de rua – aquele que é abordado na rua para comentar algum assunto – e o entrevistado especialista – aqueles que, ao dar entrevistas, estão representando suas profissões, como policiais, médicos, economistas etc.

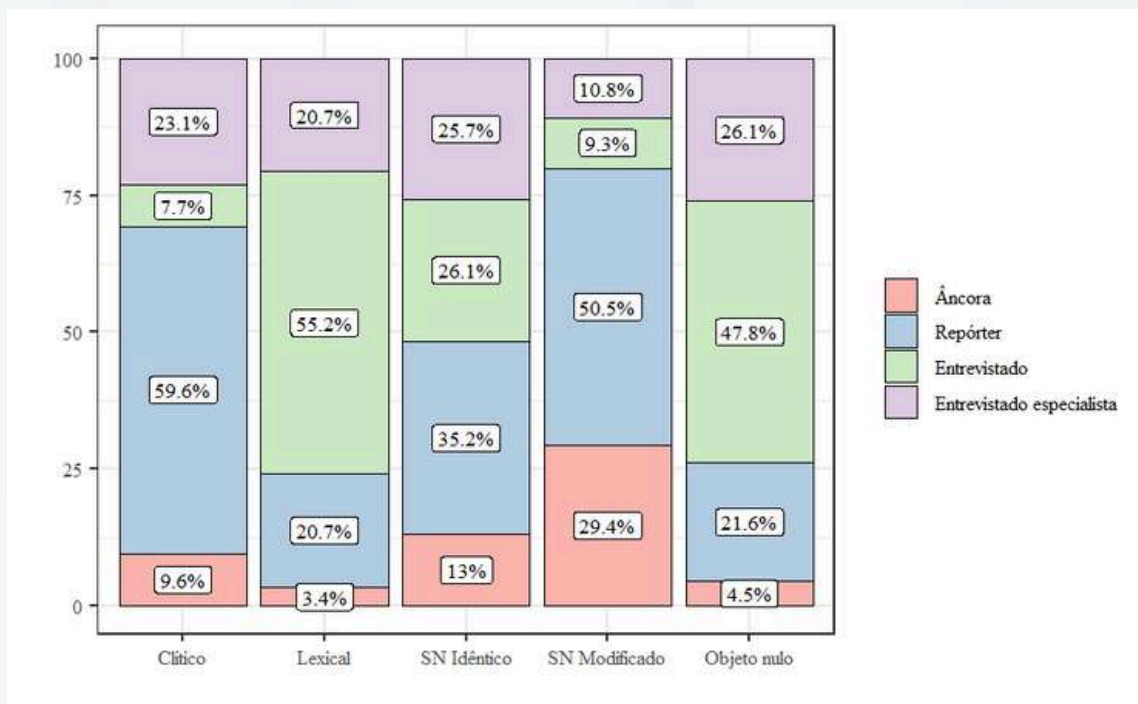
Nossa hipótese é que essa divisão impacta sobretudo o uso das formas pronominais. Entrevistados de rua tenderiam a um estilo mais emocional e casual (cf. Labov, 2008 [1972]), recorrendo a formas vernáculas de objeto direto anafórico, com menor uso do clítico, já ausente do vernáculo do PB. Já especialistas, pela persona que assumem e pela exigência de formação superior (cf. Coupland, 2007; Eckert, 2000, 2016; Hernández-Campoy, 2016), usariam mais a forma padrão, atentos também ao público que os assiste (cf. Bell, 1984, 2001).

Jornalistas, por sua vez, buscariam formas que evitassem a repetição do sintagma nominal e aproximassem o discurso do público, recorrendo pouco a pronomes – os clíticos por marcarem distanciamento e os lexicais por fugirem ao padrão culto, o que poderia gerar rejeição.

PAPEL SOCIAL DO FALANTE: RESULTADOS

O papel social do falante é a variável que mais se relaciona às dimensões estilísticas da fala. Isso ocorre porque, conforme a função que exercem, o tema abordado e outros fatores contextuais, os participantes do telejornal podem ajustar seu modo de expressão, modificando, inclusive, a forma de realização do objeto direto anafórico.

Gráfico 2 - Proporções do uso das variantes do objeto direto anafórico de terceira pessoa em relação ao papel social do falante



Fonte: elaboração própria.

Em nossos resultados, é possível observar que, embora os repórteres fujam de nossas expectativas, utilizando maior número de clítico, as demais hipóteses com os outros agentes sociais se mostraram confirmadas: o entrevistados de rua possuem maior uso de pronomes lexicais.

Quanto ao sintagmas, a variante é realmente um artifício mais utilizado por jornalistas – principalmente os repórteres. Acreditamos que esse resultado ocorra por uma necessidade de recuperação das formas a fim de se fazer claro para os telespectadores.

Por fim, os telejornais, mesmo que com todas as suas diferenças de um jornal escrito, estruturado em uma mídia, mostrou-se um ótimo material para análise da variação linguística.

REFERÊNCIAS

- BELL, A. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John Russell (eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BONINI, A. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.
- COUPLAND, N. **Style: language variation and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- DUARTE, M. E. L. **Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil**. 73 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Linguística Aplicado ao Ensino de Línguas). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1986.
- DUARTE, M. E. L.; FREIRE, G. C. Como a escrita padrão recupera formas em extinção e implementa formas inovadoras. In: PAIVA, Maria da Conceição de; GOMES, Christina Abreu (orgs.). **Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2015.
- ECKERT, P. **Linguistic Variation as Social Practice**. Oxford: Blackwell, 2000.
- ECKERT, P. Third wave variationism. In: **Oxford Handbooks Online: scholarly, research reviews**. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M. **Sociolinguistic Styles**. West Sussex: Wiley Blackwell, 2016.
- LIMA, M. D. A. O. **Continuum de gêneros textuais jornalísticos para a descrição de norma(s) culta(s): o acusativo anafórico de terceira pessoa e a ordem dos clíticos pronominais**. 314 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Janeiro, 2022.
- MALVAR, E. S. **A realização do objeto direto de 3ª pessoa em cadeia anafórica no português do Brasil**. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1992.
- OMENA, N. P. **Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa**. 139 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1978.
- R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing. Viena, Áustria. 2021. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 18 mar. 2023.

MARCAS DO TEMPO: O objeto direto anafórico na fala capixaba em perspectiva diacrônica

Pablo Alves de Oliveira^[1]
Leila Maria Tesch²

Palavras-chave: Sociolinguística; Objeto direto anafórico; Estudo painel; Variedade capixaba; Comportamento linguístico.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, desenvolvida como subprojeto de iniciação científica ainda em andamento, está diretamente vinculada ao projeto “PORTVIX 2025: Um estudo da variação e mudança linguística na comunidade e no indivíduo”, coordenado pela prof.^a Dr.^a Leila Maria Tesch. Fundamenta-se na Teoria da Variação e Mudança Linguística de William Labov (2008 [1972]), segundo a qual toda comunidade de fala apresenta padrões sistemáticos de variação e mudança que podem ser descritos e explicados pela correlação entre fatores linguísticos e sociais.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o fenômeno variável do objeto direto anafórico na fala capixaba, a partir da amostra painel do PortVix 2025, considerando as variantes identificáveis: clítico acusativo, pronome lexical, sintagma nominal e categoria vazia. Tradicionalmente, a gramática normativa (Rocha Lima, 1983; Cunha & Cintra, 2001; Bechara, 2004) apresenta o clítico acusativo como a forma correta e de prestígio, enquanto o pronome lexical é frequentemente estigmatizado. Essas gramáticas, no entanto, ignoram a complexidade e a dinamicidade dos usos reais da língua.

Pesquisas empíricas conduzidas no Brasil desde a década de 1970, como as de Omena (1978) e Duarte (1986), demonstram que o clítico é pouco produtivo na fala brasileira contemporânea. Em vez disso, predominam o uso do pronome lexical, do sintagma nominal e, sobretudo, da categoria vazia, que corresponde a contextos em que não há marca lexical ou pronominal para o objeto direto, sendo a referência recuperada inferencialmente. Mas ainda não tínhamos um corpus que prestigiasse a variedade capixaba; por isso, no início dos anos 2000, o projeto PortVix, coordenado pela prof.^a Dr.^a Lilian Coutinho Yacovenco, constituiu um corpus sociolinguístico representativo da fala de Vitória/ES. Entre os estudos baseados nesse corpus, destaca-se o trabalho de Lauer (2015), que analisou 3031 ocorrências de objeto direto anafórico e identificou o predomínio do sintagma nominal e da categoria vazia, além da raridade do clítico acusativo, especialmente entre crianças e adolescentes.

[1] Graduando de Letras Português (UFES); e-mail: pablo.a.olivera@edu.ufes.br

Entretanto, a pesquisa de Lauer foi conduzida em tempo aparente, ou seja, comparado com grupos etários diferentes em um único momento histórico, o que demonstra mudanças linguísticas em curso, mas não é capaz de mostrar a variabilidade do sistema linguístico de um indivíduo. Por isso, esta pesquisa busca empregar o método painel, que consiste em entrevistar os mesmos indivíduos em dois momentos distintos, separados por um intervalo de tempo significativo. Conforme Bakhtin (1988 [1929]) observa, a língua se transforma conforme o tempo, os grupos sociais e os contextos comunicativos, e somente uma abordagem longitudinal permite captar essas transformações com precisão.

OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é investigar a variabilidade do objeto direto anafórico no uso real da fala, na amostra painel do PortVix 2025, analisando o comportamento linguístico do falante em perspectiva diacrônica. Tendo como objetivos específicos comparar os dados obtidos neste trabalho com os dados e resultados obtidos da pesquisa realizada por Lauer (2015), auxiliar na descrição do português brasileiro por meio da comparação dos resultados obtidos com pesquisas que olham para as demais variedades linguísticas regionais e agregar as pesquisas desenvolvidas pelo grupo PortVix (Grupo Capixaba de Estudos de Variação e Mudança Linguística), ampliando a representação da fala capixaba e destacando essa variedade.

METODOLOGIA

De maneira que seja possível cumprir os objetivos supracitados, esta pesquisa será desenvolvida em diferentes etapas, articuladas de modo a garantir a coerência entre os objetivos a serem alcançados e os procedimentos metodológicos adotados. A primeira etapa consistirá na leitura de textos teóricos sobre a Sociolinguística, com atenção especial aos estudos relacionados aos métodos painel e tendência, assim como às pesquisas que abordam o fenômeno do objeto direto anafórico. Na etapa subsequente, com a aprovação do Comitê de Ética, será iniciado o processo de constituição da amostra.

Essa nova amostra consistirá nos dados retirados das entrevistas que serão feitas com os mesmos participantes da primeira coleta de dados realizada no início dos anos 2000 pelo grupo PortVix sob a coordenação da prof.^a Dr.^a Lilian Coutinho Yacovenco, constituindo a amostra painel. Para isso, iremos atrás desses participantes para tentar o recontato e, caso aceitem participar, serão realizadas então as novas entrevistas. Também serão realizadas entrevistas com falantes que se encaixem nos perfis de estratificação social do PortVix 2000, mas que não tenham participado da primeira coleta de dados, constituindo a amostra tendência. As entrevistas serão tipicamente labovianas, ou seja, serão

semidirigidas, presencialmente, de preferência na residência dos participantes e sempre realizadas por dois entrevistadores, visando sempre a fala vernacular – fala com o menor nível de monitoramento – à tona. Após as entrevistas, será realizada a transcrição dessas por meio da plataforma Elan e o material obtido passará por revisão para assegurar a fidelidade dos dados. Vale ressaltar que todo o processo de realização das entrevistas será realizado com os demais participantes do grupo PortVix e coordenados pela prof.^a Dr.^a Leila Maria Tesch.

A partir então da amostra painel – não olharemos para a amostra tendência na obtenção dos dados –, a análise terá como foco o fenômeno variável do objeto direto anafórico observado nos dados obtidos pelas entrevistas realizadas. Para que seja possível realizarmos um estudo diacrônico de comportamento linguístico, os resultados alcançados serão comparados com estudos anteriores, especialmente do PortVix, como Lauar (2015), e com outras variedades do português brasileiro (PB). Por fim, os dados serão sistematizados para a elaboração de relatórios parcial e final, bem como para a apresentação em eventos acadêmicos a fim de contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a variedade capixaba.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora os resultados empíricos ainda estejam em fase de coleta, é possível projetar tendências com base em Lauar (2015) e em outros estudos sociolinguísticos. Os dados coletados das pesquisas anteriores indicam uma baixa frequência do clítico acusativo e do pronome lexical, contrastando com a predominância da categoria vazia e do sintagma nominal. Lauar observou que, na fala de crianças e jovens, há ausência quase total do clítico, reforçando a hipótese de que essa forma não é parte do sistema linguístico vernacular, mas sim uma imposição escolar e normativa. Assim, com o avanço da escolarização, há maior probabilidade de uso do clítico, mas ainda de forma restrita.

Espera-se que a análise da amostra painel confirme a expansão do uso da categoria vazia e do sintagma nominal, em detrimento do clítico e do pronome lexical. Além disso, a comparação entre os mesmos falantes permitirá verificar se indivíduos que, no início dos anos 2000, apresentavam determinados padrões linguísticos, mantiveram-nos ou modificaram-nos ao longo do tempo, revelando a dimensão individual da mudança.

CONCLUSÕES

A pesquisa busca contribuir para a descrição do português falado em Vitória, oferecendo uma perspectiva diacrônica do objeto direto anafórico. Ao comparar os dados atuais com os coletados no início dos anos 2000, espera-se confirmar a tendência de redução do clítico acusativo e do pronome lexical, evidenciando o fortalecimento do sintagma nominal e da categoria vazia. Assim, este estudo não apenas amplia a compreensão sobre a variedade capixaba, mas também dialoga

com o cenário mais amplo da mudança linguística no português brasileiro, ao adotar uma abordagem longitudinal que permite observar processos de mudança em tempo real.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988 [1929].
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.
- CUNHA, C.; LINDLEY, C. **A nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DUARTE, Maria Eugênia L. **Variação e Sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 1986.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos** (trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LAUAR, Aline B. T. F. **Não o vejo mais em Vitória: a substituição do clítico acusativo de terceira pessoa na fala capixaba**. 2015. 110f. Dissertação (Mestrado em Estudos linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- OMENA, Nelize P. de. **Pronome pessoal de terceira pessoa**. Suas formas variantes em função acusativa. Dissertação de Mestrado, PUC, Rio de Janeiro, 1978.
- ROCHA LIMA, Carlos H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1983.
- YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; TESCH, Leila Maria; BRAGANÇA, Marcela Langa L.; EVANGELISTA, Elaine Meireles; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de; CALMON, Elba Nusa; CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid Franco; BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SILVA, Janaína Biancardi da; BERBERT, Aline Fonseca; BENFICA, Samine de Almeida. **Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena**. Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 56, p. 771-806, 2012.

A DIMENSÃO SOCIAL NA VARIAÇÃO DOS VERBOS TER E HAVER EXISTENCIAIS: um estudo em tempo real nas revistas da Turma da Mônica

Amanda Henriques Machado¹

Palavras-chave: Variação linguística; *Ter* e *Haver*; Turma da Mônica.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de mestrado, em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), investiga a variação entre os verbos existenciais *ter* e *haver* no português brasileiro, com base em um *corpus* constituído por 187 edições da revista Turma da Mônica, publicadas entre as décadas de 1970 e 2010. O estudo ancora-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]), concentrando-se nos condicionadores linguísticos, semânticos e extralinguísticos que influenciam a alternância entre as variantes.

O fenômeno em análise é relevante para os estudos sociolinguísticos, pois reflete o processo de substituição gradual de *haver* por *ter* na expressão da existência, uma mudança amplamente descrita na modalidade oral e escrita (Callou; Avelar, 2000; Viotti, 1998; Vitória, 2013). Além da análise da variação propriamente dita, esta pesquisa busca realizar um estudo em tempo real, observando a distribuição dos verbos ao longo de cinco décadas de circulação do *corpus* selecionado. A título de exemplificação, seguem dois casos representativos do fenômeno retirados do *corpus* analisado.

Figura 1 - Ocorrências dos verbos *haver* e *ter* em quadrinhos da Turma da Mônica publicados em 1970



Fonte: Sousa (1970b, p. 15)



Fonte: Sousa (1970a, p. 07)

¹ Mestranda (PPGEL/UFES); e-mail: amandahenriques@gmail.com

A escolha das histórias em quadrinhos como objeto de estudo reforça os objetivos desta pesquisa, uma vez que se trata de um gênero discursivo escrito que, em grande parte, busca representar traços da oralidade, especialmente por meio dos diálogos entre personagens. Nos quadrinhos, a linguagem é construída para se aproximar da fala cotidiana, com recursos gráficos e linguísticos que simulam entonações, pausas, emoções e estilos de fala característicos de diferentes perfis sociais. No caso específico da Turma da Mônica, criada por Maurício de Sousa, essa característica é potencializada pela diversidade sociocultural dos personagens, que incluem desde figuras infantis urbanas até moradores de zonas rurais, personagens de núcleos populares, adultos, crianças, além de figuras ficcionais como pré-históricos e animais. Essa variedade de perfis sociais e estilos de fala representados torna a revista um *corpus* especialmente rico para a investigação sociolinguística, permitindo observar como diferentes variantes linguísticas são selecionadas na construção de vozes sociais e no espelhamento do uso real da língua.

A consolidação do referencial teórico teve como ponto de partida os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista, especialmente os estudos de William Labov (2008 [1972]), que orientam a análise sistemática de dados linguísticos reais. Além disso, esta pesquisa apoia-se em um conjunto de trabalhos em sociolinguística que investigam a variação de *ter* e *haver*, contribuindo para as perspectivas teóricas sobre o tema. O desenvolvimento da pesquisa incluiu ainda a delimitação do *corpus* e o aprofundamento no estudo do gênero “histórias em quadrinhos”, tanto em sua estrutura textual quanto em seu valor como objeto de análise linguística.

OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é analisar, em tempo real, a variação dos verbos existenciais *ter* e *haver* ao longo de cinco décadas, observando como a distribuição dessas variantes é condicionada por fatores linguísticos, semânticos e extralinguísticos. Neste resumo expandido, apresenta-se o recorte referente às variáveis sociais, com foco especial nos resultados parciais obtidos a partir da análise das revistas das décadas de 1970 e 1980.

Os objetivos específicos deste recorte são:

- a) identificar a distribuição das variantes *ter* e *haver* em relação ao perfil sociocultural dos personagens;
- b) analisar como a localidade (urbana, rural, de mata ou pré-histórica) influencia a seleção das variantes;
- c) investigar o papel da fase da vida dos personagens no processo de difusão da mudança linguística.

METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa baseia-se nos pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006), com foco na análise em tempo real da alternância entre os verbos existenciais *ter* e *haver* entre 1970 a 2010. A coleta será realizada a partir de um corpus previamente organizado por Zanelatto (2020). As ocorrências de *ter* e *haver* existenciais serão coletadas, analisadas e organizadas em planilhas, sendo posteriormente analisadas em um programa estatístico, a plataforma R na interface do RStudio. O objetivo dessa análise quantitativa é também identificar os padrões de uso e o condicionamento das variantes.

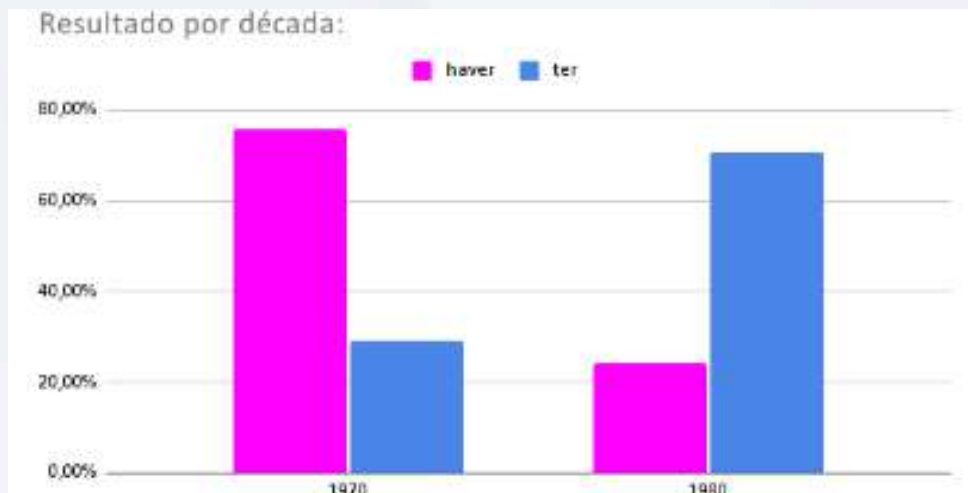
Neste momento, a análise contempla apenas os dados referentes às décadas de 1970 e 1980, que correspondem à fase intermediária da pesquisa. As ocorrências de *ter* e *haver* com valor existencial já foram coletadas e organizadas em planilhas, passando por uma análise descritiva inicial. A etapa de tratamento quantitativo, que será conduzida com o auxílio da plataforma R, ainda será realizada nas próximas fases da pesquisa, após a conclusão da coleta das décadas subsequentes. Paralelamente, realiza-se uma análise qualitativa, que busca interpretar o uso das variantes à luz das representações sociais veiculadas nos quadrinhos, considerando o perfil dos personagens, as relações entre fala e identidade e o contexto sociocultural de produção das revistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise referente às décadas de 1970 e 1980 revelou uma distribuição equilibrada entre as formas existenciais *ter* (51,24%) e *haver* (48,76%), com leve predominância da primeira. Esse resultado inicial indica que, embora *haver* ainda estivesse fortemente presente nas revistas da Turma da Mônica, *ter* já se expandia como forma inovadora, refletindo a aproximação da linguagem dos quadrinhos com a oralidade.

Ao segmentar os dados por década, observa-se uma mudança expressiva. Em 1970, *haver* é majoritário (71,3%), enquanto *ter* aparece em 28,7%. Na década seguinte, o cenário se inverte: *ter* representa 75,6% das ocorrências e *haver* recua para 24,4%. A virada mais nítida ocorre a partir de 1983, quando *ter* atinge percentuais superiores a 75% e se consolida nos anos seguintes. Essa mudança coincide com o período da redemocratização brasileira e com o fortalecimento da valorização das formas linguísticas populares, reforçada pelo episódio da carta da ABRALIN (1985) em defesa do personagem Chico Bento.

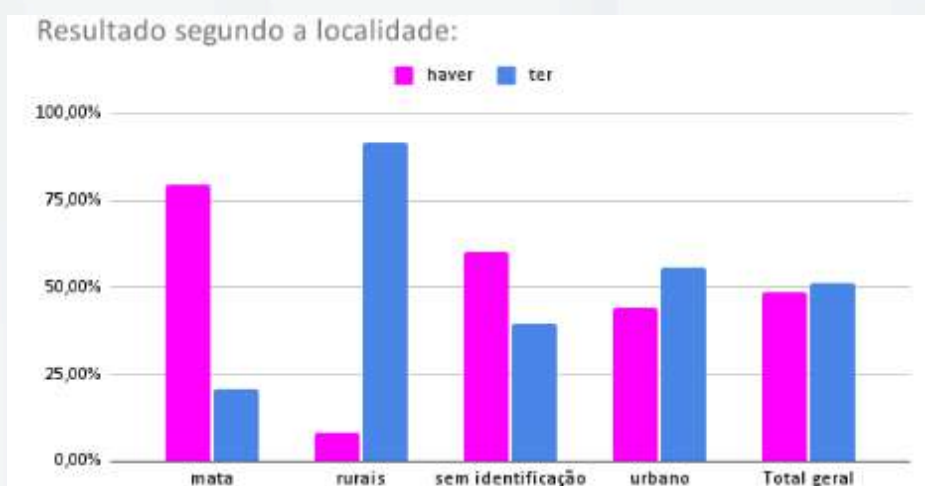
Figura 2 - Distribuição percentual das variantes *ter* e *haver* nas revistas em quadrinhos da Turma da Mônica por década



Fonte: elaboração própria.

As variáveis sociais analisadas confirmam esse avanço. Entre os personagens, *ter* é amplamente favorecido por Chico Bento (88,89%) e pelos rurais em geral, enquanto *haver* predomina nos núcleos de Piteco (91,67%). Quanto à localidade, *ter* é quase categórico em contextos rurais (91,67%) e *haver* prevalece nas matas (79,31%). A variável fase da vida mostra que *ter* é preferido entre crianças (61,24%), enquanto *haver* domina entre adultos (64,71%) e jovens (70,59%).

Figura 3 - Distribuição percentual das variantes *ter* e *haver* nas revistas em quadrinhos da Turma da Mônica em relação à localidade do personagem



Fonte: elaboração própria.

CONCLUSÕES

Os resultados parciais das décadas de 1970 e 1980 já indicam que a substituição de haver por ter ocorre de modo progressivo e sistemático, fortemente associada a fatores sociais e estilísticos. A predominância de ter em contextos rurais e entre personagens infantis reforça o papel da oralidade e da representação popular na difusão da mudança. Por outro lado, o uso de haver em personagens ligados à mata ou a cenários arcaicos demonstra o valor simbólico da variante conservadora como marcador de distanciamento temporal e social.

Na continuidade do trabalho, a análise será ampliada para as décadas de 1990, 2000 e 2010, completando o recorte de cinco décadas. Essa ampliação permitirá observar se a tendência de avanço de ter se consolida na escrita dos quadrinhos, acompanhando a expansão já atestada na oralidade.

A etapa seguinte incluirá o refinamento estatístico dos dados, a aplicação dos mesmos grupos de fatores e a discussão dos resultados à luz de estudos clássicos e recentes sobre a variação dos existenciais no português brasileiro (AVELAR, 2006; CALLOU; AVELAR, 2000; VITÓRIO, 2013; MACHADO; TESCH, 2022).

Espera-se que o estudo contribua para a compreensão do processo de mudança linguística e para o reconhecimento das histórias em quadrinhos como um espaço legítimo de observação da variação e da representação social da língua.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, J. Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver de/em no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, 4, p. 99-144, 2006.
- CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 9, p. 85-100, 2000.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos** (trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MACHADO, Amanda Henriques; TESCH, Leila. M. "Há variação ou tem mudança?": uma análise do fenômeno existencial na modalidade escrita. **Fórum Linguístico**, v.19, n.1, p.7387- 7401, 2022.
- VIOTTI, E. C. Uma história para TER e HAVER. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** (UNICAMP), Campinas, São Paulo, v. 34, p. 41-50, 1998.
- VITÓRIO, E. G. S. L. A. As construções existenciais com ter e haver: o que tem na fala e o que há na escrita. **Veredas online**, Juiz de Fora, Atemática, v. 7, n. 2, 2013.
- WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.
- ZANELATO, Carolina Amorim. **"Já vejo ele nos quadrinhos"**: uma análise em tempo real da variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em revistas da Turma da Mônica. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguística) – Centro de Ciências Humanas e naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

O USO DE CONDICIONAIS EM AMOSTRAS DO PORTVIX

Larissa de Souza Viana¹

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Mudança linguística. Banco de dados. Sentenças condicionais. Tempo-modo verbal.

INTRODUÇÃO

PortVix (Português falado na cidade de Vitória) foi o nome atribuído ao primeiro banco de dados de registro da fala capixaba, criado no início dos anos 2000. Ele foi constituído por 46 entrevistas realizadas, em sua maioria, com pessoas nascidas na região metropolitana de Vitória, capital do Espírito Santo. Sob a coordenação da professora doutora Lilian Coutinho Yacovenco, essas entrevistas, que compõem esse registro pioneiro da fala capixaba, tiveram como objetivo alcançar o vernáculo da comunidade de fala de Vitória/ES, isto é, “[...] o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (Labov, 2008, p. 244).

Os 46 falantes foram gravados em dois momentos, sempre por dois entrevistadores. No primeiro contato, buscava-se verificar se o participante atendia aos critérios previamente estabelecidos, bem como identificar temas que favorecessem o uso do vernáculo. No segundo contato, realizava-se a entrevista propriamente dita, com duração média aproximada de 60 minutos. Nesse momento, conduziu-se uma entrevista semidirigida, tipicamente laboviana, na qual os entrevistadores adotaram diferentes estratégias para favorecer a emergência do vernáculo, fazendo com que os falantes prestassem o mínimo de atenção ao modo de falar e se concentrassem no conteúdo do que diziam (Tesch; Yacovenco, 2022, p. 53).

Após duas décadas do primeiro registro da fala de Vitória, o grupo de pesquisa do PortVix - Grupo Capixaba de Estudos de Variação e Mudança Linguística - está se organizando para realizar duas novas amostras. A primeira consistirá no recontato com os entrevistados do banco de dados original, por meio de um estudo do tipo painel. A realização das novas entrevistas com os mesmos participantes permitirá investigar o comportamento linguístico desses indivíduos, por meio da comparação entre a amostra da primeira entrevista (realizada entre 2001 e 2003) e as entrevistas atuais, que ocorrerão entre 2025 e 2026. A segunda amostra será baseada em um estudo tendência. Nessa abordagem, novos participantes serão selecionados para as entrevistas, mantendo-se, contudo, parâmetros sociais semelhantes aos da estratificação dos indivíduos do estudo painel.

Em Viana (2023), investigamos as combinações modo-temporais que ocorriam por meio das articulações das formas verbais na condicional/prótase e nuclear/apódose de sentenças condicionais iniciadas por *se*, no contexto da potencialidade na fala da cidade de Vitória/ES. A partir do *corpus* do banco de dados do projeto PortVix, foram analisadas as três combinações modo-temporais

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFES); e-mail: larissavianna090@gmail.com.

mais frequentes nos dados de sentenças condicionais potenciais. Esse tipo de sentença é um fenômeno linguístico que acontece a partir de uma interdependência semântica entre a oração condicional, também conhecida como prótase ou antecedente, e a sentença nuclear, ou condicionada, também denominada apódose ou consequente. A estrutura é formada, de modo geral, por “[...] uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal [...]” (Cunha; Cintra, 2017, p. 601), como podemos ver a seguir:

Condicional/prótase

(1) *Se desse para associar beleza com inteligência...*

(PortVix 2000: Homem, Ensino Superior, 15 a 25 anos)

Oração núcleo/apódose

já estaria ótimo né.

As sentenças podem ser classificadas em três contextos distintos: *realis*, *potentialis* e *irrealis*. Para Neves (1999), esses contextos podem ser diferenciados conforme a eventualidade dos eventos hipotéticos. No método de classificação por meio do intervalo de tempo, podem ser utilizadas as paráfrases, substituindo a partícula *se* pelo “já que”, “desde que”, “sempre que” ou “se por acaso”, para ilustrar o espaço temporal. Dessa forma, a sentença real pode ser parafraseada pela expressão “já que”, na qual os tempos entre a sentença condicional e a nuclear ocorrem simultaneamente. Na sentença potencial, há um intervalo temporal que geralmente indica uma noção de causa e consequência, sendo parafraseada por “por acaso”. Nas sentenças irrealis, o pressuposto pode ser mantido (por acaso), mas parte-se de um enunciado não existente, tornando o consequente falso.

REAL

Dada a realização/a verdade de p, segue-se, necessariamente, a realização/a verdade de q (real):

(2) ...quem não tem pecado que atire a primeira pedra, porque *se [já que] ninguém atirou é porque nós não somos perfeitos.*

(PortVix: Mulher, Ensino Médio, 26 a 49 anos)

POTENCIAL

Dada a potencialidade de p, segue-se a eventualidade de q (potencial):

(3) *se [por acaso] você quiser ganhar... um salário de professor que a gente tem aí... sete oito mil reais dez... você tem que trabalhar de manhã e de noite...*

(PortVix: Mulher, Ensino Superior, acima de 50 anos)

IRREAL

Dada a não-realização/ a falsidade de p, segue-se, necessariamente, a não-realização/ a falsidade de q (irreal):

(4) *se [por acaso] ele tivesse na copa de noventa e oito a gente teria sido campeão mesmo lá... não cem por cento fisicamente, mas ele no banco aquele negócio de Ronaldinho com certeza ele entraria e dava conta do recado.*

(PortVix: Homem, Ensino Superior, 26 a 49 anos)

Observa-se, nessas sentenças condicionais, a formação de distintas combinações verbais, que ocorrem por meio da articulação dos tempos e modos dos verbos localizados na condicional e na oração núcleo. Na hipótese enunciada em (2), temos o uso do pretérito perfeito na condicional (atirou) e do presente do indicativo no núcleo (é). No excerto (3), o falante opta pelo futuro do subjuntivo (quiser) e pelo presente do indicativo (tem). Por fim, em (4), temos o pretérito imperfeito do subjuntivo na condicional (tivesse) e o futuro do pretérito do indicativo na nuclear (teria). Sabemos, assim, que o “[...] valor de condicionalidade, por sua vez, pode ser expresso por mais de uma forma verbal no português [...]” (Freitag; Araujo, 2011, p. 201). Essa alternância verbal, nesse tipo de sentença, é o que vem sendo o nosso objeto de estudo.

OBJETIVOS

O objetivo deste estudo é investigar, por meio da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]), o fenômeno da alternância verbal em combinações modo-temporais que ocorrem em sentenças condicionais iniciadas pela conjunção *se*, empregadas nas modalidades *real*, *potencial* e *irreal* na fala capixaba.

Compõem os objetivos específicos deste projeto:

1. Realizar um estudo do tipo painel a partir do recontato com os participantes da primeira amostra do PortVix;
2. Realizar um estudo do tipo tendência a partir de entrevistas com participantes que possuam o perfil social semelhante ao daqueles da amostra pioneira;
3. Investigar a alternância verbal em combinações modo-temporais que ocorrem em sentenças condicionais iniciadas por *se* a partir das novas amostras de dados;
4. Comparar os resultados com os alcançados no estudo de Viana (2023).

METODOLOGIA

Inicialmente, os dados serão analisados na perspectiva diacrônica, por meio do tempo real, comparando os mesmos falantes entrevistados nos anos 2000 com novas entrevistas realizadas em 2025 e 2026. Contudo, reconhecem-se as limitações desse método (estudo painel), uma vez que pode não ser possível o recontato com todos os 46 participantes da amostra original do PortVix 2000, seja por mudança de domicílio, falecimento ou recusa em participar novamente.

Dessa forma, realizaremos também uma segunda amostra, intitulada estudo de tendência, em que se comparam amostras aleatórias de uma mesma comunidade de fala, estratificadas por parâmetros sociais semelhantes. Nesse tipo de estudo, os critérios sociais dos falantes devem ser mantidos, o que possibilita a análise do sistema linguístico da comunidade investigada e a averiguação de mecanismos de mudança da língua a partir do tempo aparente, isto é, por meio da variável faixa etária. A combinação desses dois modelos de estudo (painel e tendência) favorece uma melhor compreensão tanto de mudanças em progresso quanto de casos de variação mais estável. Com o auxílio do programa *Elan* (Hellwig; Geerts, 2013), realizaremos as transcrições de todas as entrevistas gravadas. Em

seguida, os dados referentes ao presente estudo serão coletados e depois organizados em planilhas do *Microsoft Excel*. Para a análise estatística do fenômeno investigado, utilizaremos a plataforma *R*, uma linguagem de programação voltada à computação estatística e à geração de gráficos.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- FREITAG, R. M. K.; ARAUJO, G. Alternância de tempos e modos verbais em construções condicionais do português brasileiro. **Alfa**, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 195–214, 2011.
- HELLWIG, B.; GEERTS, C. **ELAN** (V. 4.8). Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, 2013.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 1999.
- R Core Team (2023). **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.
- TESCH, L. M.; YACOVENCO, L. C. Estratégias de bancos de dados para a continuidade da documentação em pesquisas sociolinguísticas. In: FREITAG, R. M. K.; ARAÚJO, S. S. de F.; DIAS, V. de C. (orgs.) **DESAFIOS PARA A PESQUISA EM SOCIOLINGUÍSTICA**, São Paulo: Blucher, p. 51-70, 2022.
- VIANA, L. S. **Se essa rua for minha, eu mando ladrilhar**: um estudo variacionista de sentenças condicionais na fala capixaba. 2023. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de Concentração: Sociolinguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL EM PEÇAS DE TEATRO CAPIXABAS: uma análise em tempo real da 2ª pessoa do discurso

Iesa Venturin Mulinari de Rodran¹

Palavras-chave: Sujeito pronominal. Mudança linguística. Peças teatrais.

INTRODUÇÃO

Considerada tradicionalmente como uma língua de sujeito nulo, o português brasileiro (PB) tem passado por uma mudança nesse aspecto. Estudos linguísticos como os de Lira (1982), Paredes Silva (1988) e Duarte (2018 [1993], 1995), mostram que a frequência de pronomes sujeito expressos tem aumentado. O mesmo é observado no português capixaba por Genuíno (2017) e Massariol (2018).

A causa dessa mudança é atribuída à gramaticalização das formas você, vocês e a gente, intensificada no século XIX (Tarallo 2018 [1993]) e consolidada no século XX, com o uso amplo dessas formas como pronomes pessoais. O compartilhamento de formas verbais entre esses pronomes com a 3ª pessoa gera maiores chances de ambiguidade e, conseqüentemente, maior necessidade de se expressar o pronome.

OBJETIVOS

Este trabalho é um recorte de Rodran (2025), em que o objetivo geral foi a descrição da mudança linguística em direção à expressão cada vez maior do pronome sujeito no português capixaba em tempo real, ou seja, ao longo de várias sincronias, utilizando, para isso, peças teatrais. Neste momento faremos um recorte, apresentando apenas os resultados da 2ª, que se mostrou líder da mudança

Como objetivos específicos, buscamos observar a influência de variáveis linguísticas consideradas relevantes pela literatura sobre o fenômeno para seu estudo, e também de variáveis sociais. Neste recorte, apresentaremos os resultados apenas de algumas variáveis.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A principal base teórico-metodológica da pesquisa é a Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]); Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]), segundo a qual as línguas humanas são dotadas de heterogeneidade ordenada, ou seja, a variação, que é o que permite que as línguas mudem, é inerente a todas as línguas, e não é aleatória, mas condicionada por fatores linguísticos e sociais.

Também utilizamos como embasamento a Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009 [1982]; Conde-Silvestre, 2007) que fornece suporte teórico e metodológico para a operacionalização pesquisa sociolinguística em sincronias passadas.

¹ Mestranda (DLL/PPGEL/UFES); e-mail: iesavmr@gmail.com

METODOLOGIA

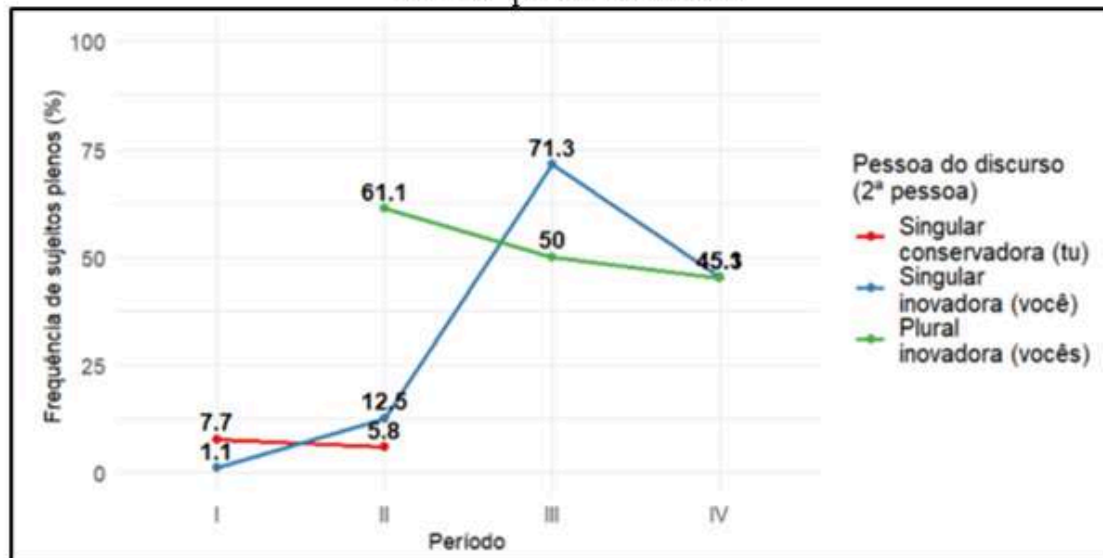
Nosso corpus é composto por 12 peças capixabas, divididas entre quatro diferentes sincronias: a primeira, correspondente às décadas de 1880 e 1890; a segunda, à década de 1930; a terceira, às décadas de 1970 e 1980; e a quarta e última, às décadas de 1990 e 2000. Todas as peças foram escritas por autores capixabas ou que viveram a maior parte da vida no Espírito Santo, escrevendo sobre e para os capixabas. Foram coletados 4785 dados ao todo, sendo 1075 dados de 2ª pessoa.

Foram selecionadas 12 variáveis de influência: 7 linguísticas e 5 sociais. Neste recorte apresentamos apenas os resultados das variáveis linguísticas “pessoa do discurso”, “ambiguidade” e “ênfase”, e todas as variáveis sociais, a saber: período da peça (perpassa todas as outras variáveis), “fase da vida” (dos personagens), “sexo/gênero”, “instrução” e “classe social”. O tratamento estatístico dos dados foi realizado por meio da plataforma R.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise por pronomes de 2ª pessoa, representada no gráfico 1, abaixo, a desinência de tu desaparece do período II ao III, e assim a 2ª pessoa do singular passa a contar apenas com o pronome você, o que ocasiona um salto na expressão de pronomes de 2ª pessoa do singular.

Gráfico 1 - Frequência relativa de sujeitos plenos de 2ª pessoa em tempo real de acordo com a variável “pessoa do discurso”



Fonte: elaboração própria.

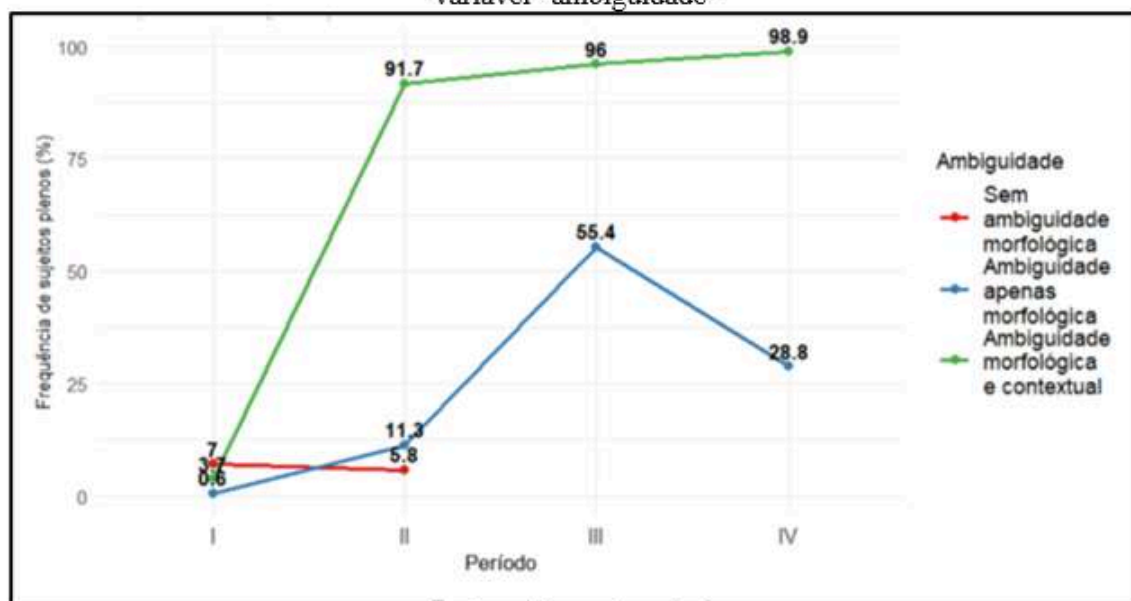
Como mostra o gráfico 2, as formas verbais de 2ª pessoa sem ambiguidade morfológica, correspondentes aos pronomes tu e vós, apenas aparecem nas sincronias I e II, como exemplificado abaixo:

(

3) HEITOR - *Incorporei-me hoje. Vou tirar o meu tempo no 3.º B. C.*

DR. LEAL - *E Ø perdes o ano na Faculdade de Medicina? Já no quarto ano? Que loucura! Nem Ø esperaste o sorteio! (O voluntário do 3º B.C., Ernesto Guimarães, 1938)*

Gráfico 2 - Frequência relativa de sujeitos plenos de 2ª pessoa (geral) em tempo real de acordo com :
variável “ambiguidade”



Fonte: elaboração própria.

Nos períodos seguintes, começam a predominar as formas pronominais inovadoras de 2ª pessoa, principalmente do singular, o você, o que faz com que a ocorrência de ambiguidade morfológica, e conseqüentemente a expressão pronominal, aumentem muito, como exemplificado abaixo:

(4) PIERRE - *É mona, você precisa agitar o mais rápido possível esse babado. Você não tem idéia da quantidade de festas, coquetéis, casamentos e recepções que você anda perdendo... (Por favor, matem minha empregada!, Edilson Pedrini, 1998)*

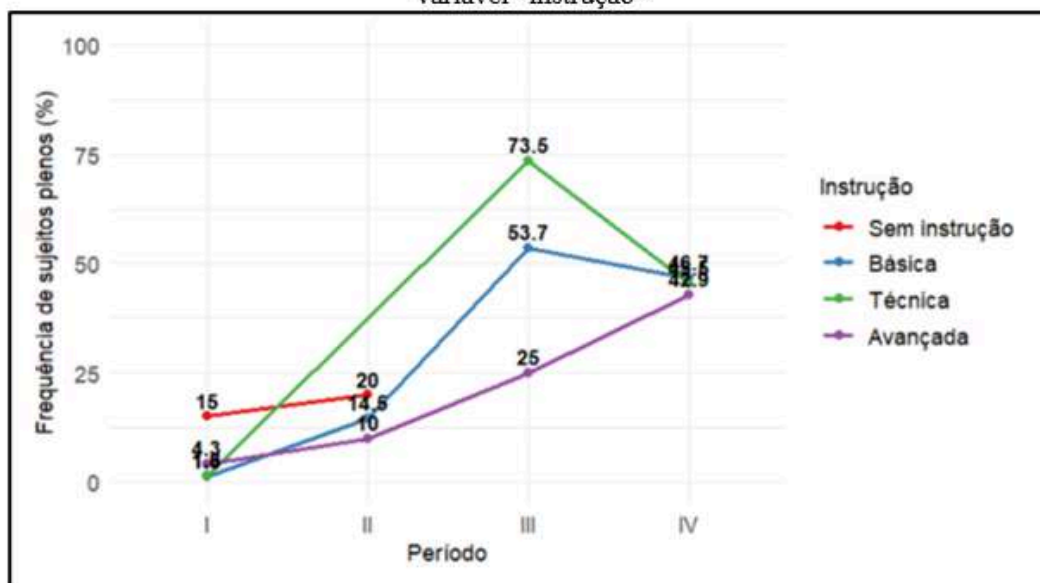
Na variável “ênfase”, a expressão do pronome costuma ocorrer mais em em contextos enfáticos, como exemplificado abaixo, em que o pronome foi utilizado antes pra dar destaque ao sujeito que para desfazer ambiguidade:

(118) JULIA - *E por que não fazes o mesmo? O filho do Dr. Jorge vive quase sempre licenciado, em caçadas e parece mais morar na roça que na cidade; entretanto que tu há um ano não te dispões a passar com tua família nem ao menos 8 dias em nosso sítio. (Amigo íntimo, Aristides Freire, ~1897)*

Na dimensão social, os resultados mostram maior correlação com a mudança na 2ª pessoa por personagens de fases da vida intermediárias, jovens adultos, e adultos. No que se refere ao sexo e ao gênero dos personagens, não houve predominância nem dos homens, nem das mulheres.

Na variável “instrução”, os níveis básico e técnico seguem um percurso parecido entre si e com o percurso geral da 2ª pessoa, o que indica uma conexão maior dos níveis intermediários de instrução com a mudança na 2ª pessoa. É importante notar, que, enquanto aparecem, nos períodos I e II, os personagens sem instrução é que lideram a mudança.

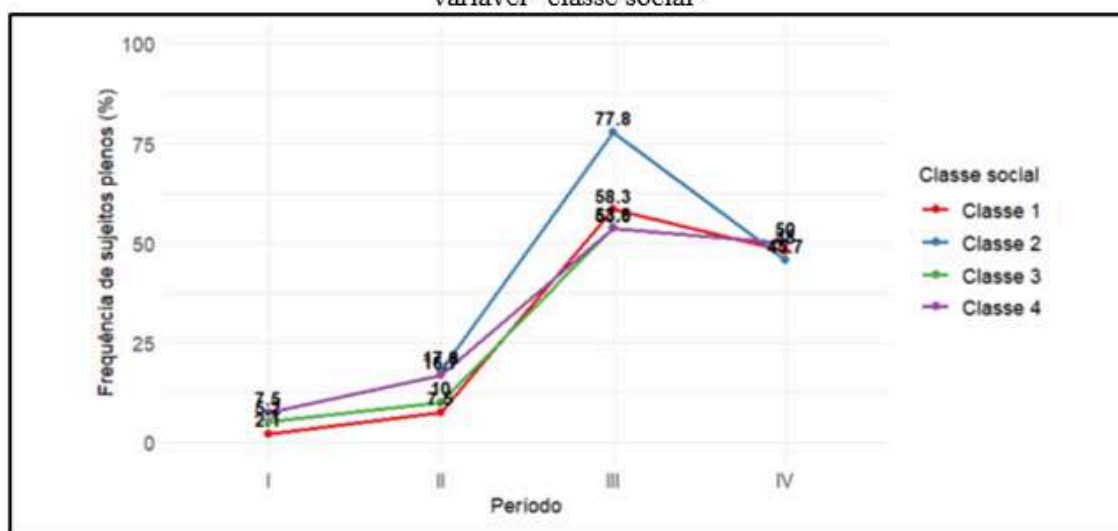
Gráfico 3 - Frequência relativa de sujeitos plenos de 2ª pessoa (geral) em tempo real de acordo com a variável “instrução”



Fonte: elaboração própria.

Na variável “classe social”, os resultados apontam para a existência de uma correlação entre cada uma das quatro classes sociais e a mudança, uma vez que percorrem trajetórias quase iguais.

Gráfico 4 - Frequência relativa de sujeitos plenos de 2ª pessoa (geral) em tempo real de acordo com a variável “classe social”



Fonte: elaboração própria.

No entanto, observa-se, pelas sincronias I e II, que a mudança é representada inicialmente na fala dos personagens das classes mais baixas. o que pode ser sinal de uma estabilização e, assim como para a variável instrução, da perda de alguma estigmatização em relação à variante expressa dos pronomes de 2ª pessoa.

CONCLUSÕES

Constatamos, nesse recorte, a existência de uma correlação entre a expressão de pronomes sujeito e categorias sociais como classe social e instrução, uma vez que a linguagem dos personagens com nível de instrução mais baixo e das classes sociais mais baixas foi representada com mais expressão de sujeitos pronominais. Isso pode ser indício de uma sensibilidade sociolinguística dos autores, que imprimem nas suas peças padrões sociolinguísticos coerentes com uma mudança de baixo (Labov, 1994), a esperada para um fenômeno como o nosso. Foi possível, assim, constatar a produtividade das peças teatrais para a descrição sociolinguística, e também a provável influência da dimensão social em uma mudança que costuma ser reportada como pouco influenciada por fatores dessa ordem.

REFERÊNCIAS

- CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. **Sociolinguística Histórica**. Madrid: Gredos, 2007.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. São Paulo: Contexto, 2018 [1993].
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. **A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro**. 1995. 151f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1583003>. Acesso em: 25 abr. 2024.
- GENUÍNO, Wladimir Ricardi. **A expressão do sujeito pronominal no sujeito falado em Vitória/ES**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Vitória, 2017. Disponível em: <https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_11342_Disserta%E7%E3o%20P%F3s-Qualifica%E7%E3o-Wladimir%20Genuino-FINAL.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MASSARIOL, Caroliny Batista. **A expressão do sujeito pronominal em cartas e postais capixabas do século XX**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. Disponível em: <https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_11882_disserta%E7%E3o%20caroliny.pdf>. Acesso: 11 abr. 2024.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia. **Cartas cariocas: A variação do sujeito na escrita informal**. Tese de Doutorado, UFRJ, 1988.
- R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2019. Disponível em: <http://www.R-project.org/>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- RODRAN, Iesa Venturin Mulinari de. **A expressão do sujeito pronominal em peças de teatro capixabas: uma análise em tempo real**. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFES, 2025.
- ROMAINE, Suzanne. **Socio-historical linguistics: its status and methodology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1982].
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

A VARIAÇÃO DO /S/ EM CODA EM CONTEXTO DE MIGRAÇÃO: o caso de falantes cariocas no Espírito Santo

Sophia Souza Schmidt¹
Raquel Gomes Chaves²

Palavras-chave: /S/ em coda silábica; Acomodação linguística; Migração interna; Sociolinguística variacionista.

INTRODUÇÃO

A realização fonética dos sons do português brasileiro (PB) apresenta ampla variação regional, especialmente quando analisamos o fonema /S/ em posição de coda silábica, cuja pronúncia pode oscilar entre as variantes alveolar [s] e palatal [ʃ]. Na fala carioca, predomina a palatalização (como em como em /kaʃ.ka/ e /doiʃ/), enquanto na fala capixaba, observa-se a preferência pela alveolarização (como em /kas.ka/ e /dois/) (Callou, 2015; Cardoso et al., 2018).

Considerando o fluxo migratório entre estados e a conseqüente convergência de variedades linguísticas distintas, este estudo investiga o comportamento do /S/ em coda na fala de migrantes cariocas residentes na Grande Vitória (ES), a fim de compreender possíveis processos de acomodação linguística, isto é, a convergência ou a manutenção de traços fonéticos do dialeto de origem em contato com a nova variedade local.

A pesquisa se fundamenta nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística – TVM (Weinreich; Labov, Herzog, 2006[1968], Labov, 2008[1972], 1994) e a Teoria da Acomodação Linguística – TAL (Giles; Coupland; Coupland, 1991, Giles, 1973), entendendo a variação linguística como um fenômeno condicionado por fatores sociais, fonológicos e identitários. Segundo Oushiro (2019), estudos centrados na fala de migrantes são fundamentais para compreender “questões linguísticas mais amplas, como a estabilidade da gramática do falante ao longo da vida, fatores propulsores da mudança linguística, e a relação entre a fala individual e da comunidade”.

OBJETIVOS

Os objetivos (principal e específicos) encontram-se listados a seguir:

Objetivo principal:

- Investigar a variação do fonema /S/ em posição de coda silábica na fala de migrantes cariocas residentes na Grande Vitória, verificando se há indícios de acomodação em direção ao padrão alveolar capixaba.

¹Graduanda em Letras - Português (DLL/UFES); e-mail: sophia.schmidt@edu.ufes.br

²Doutora em Linguística (UFSC) e Professora (DLL/PPGEL/UFES); e-mail: raquel.chaves@ufes.br

Objetivos específicos:

- Analisar, por meio de dados de fala espontânea, se há convergência linguística em direção ao padrão local;
- Identificar fatores linguísticos e sociais que condicionam a escolha entre as variantes alveolar e palatal;
- Realizar análises estatísticas e acústicas dos dados coletados, a fim de identificar uma possível convergência ao sotaque capixaba.

METODOLOGIA

Para constituição do corpus, foram selecionadas e entrevistadas quatro informantes do sexo feminino, naturais de diferentes cidades do Rio de Janeiro e residentes na região metropolitana de Vitória. As entrevistas seguiram o modelo laboviano, abordando temas cotidianos e a experiência de migração. Além disso, as respostas também incluíram perguntas sobre a identificação das participantes com o Espírito Santo, como: “Você gosta da sua cidade natal? Tem vontade de voltar a morar lá, ou prefere ficar aqui no Espírito Santo?”.

As entrevistas foram gravadas utilizando o gravador digital ZOOM H4N acoplado ao microfone unidirecional AKG C520L, garantindo qualidade sonora e fidelidade dos dados fonéticos para as análises acústicas. Para análise de oitiva, foram selecionados aproximadamente 10 minutos dos trechos finais de cada entrevista, considerando que, após um período inicial de adaptação ao contexto de coleta, as falas tendem a se tornar menos monitoradas.

A transcrição foi feita utilizando o modelo do pacote Whisper em Python (OpenAi, 2024) e revisada manualmente. As ocorrências de /S/ em coda silábica foram classificadas de oitiva e os casos duvidosos foram complementados por análise acústica no software Praat (Boersma & Weenik, 2025), a partir da extração do centro de gravidade das fricativas (Elvira-Garcia, 2019).

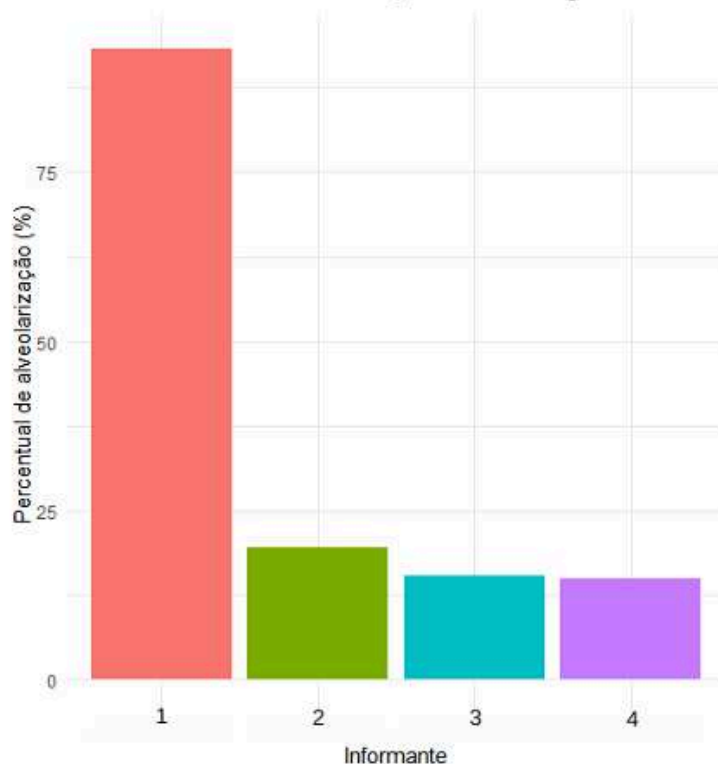
Cada ocorrência foi codificada em uma planilha segundo as seguintes variáveis: item lexical, posição da coda (medial ou final), ponto e modo de articulação do contexto fonético seguinte, ponto e modo de articulação do contexto fonético precedente, tonicidade, vozeamento do contexto fonético seguinte, tempo de residência no estado e idade de migração. Esses dados foram submetidos a testes de qui-quadrado e regressão logística binária no software RStudio (Core Team, 2025), com o objetivo de identificar os fatores que favorecem a realização alveolar ou palatal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise de oitiva dos dados, registrou-se um total de 456 ocorrências de /S/ em coda silábica, sendo a realização palatal a mais frequente, com 291 ocorrências (equivalente a 63,82% dos dados), seguida pela realização alveolar, com 141 ocorrências (30,92%). As demais variantes, apagamento, alveopalatal e tepe alveolar apresentaram baixa frequência (<5%).

Entre as informantes, apenas uma apresentou convergência quase categórica à realização alveolar, típica do dialeto capixaba (92,3%), enquanto as demais mantiveram o padrão palatal característico do Rio de Janeiro, com porcentagens que variam de 74,6% a 83,07%, conforme é observado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Percentual de realização alveolar por informante



Fonte: Elaboração própria

Esse contraste reflete, em grande parte, o nível de identificação social com a comunidade capixaba. A Informante 1 declarou gostar de morar no Espírito Santo e não ter vontade de retornar ao Rio de Janeiro, enquanto outras relataram dificuldade de adaptação e ausência de vínculo afetivo com a região capixaba. Esse comportamento linguístico evidencia que a acomodação dialetal é fortemente influenciada por atitudes e identidades sociais, como proposto pela TAL (Giles; Coupland; Coupland, 1991).

Os resultados da regressão logística confirmam que a variação é condicionada tanto por fatores linguísticos quanto sociais. Entre as variáveis linguísticas, a tonicidade mostrou-se significativa ($p < 0,05$), com a alveolarização sendo favorecida em sílabas tônicas e pós-tônicas finais. A posição medial também apresentou efeito positivo, indicando que contextos intervocálicos tendem a facilitar a produção alveolar. Por outro lado, contextos seguintes com vogais e vogais nasais inibiram o fenômeno, possivelmente por restrições articulatórias.

Quanto às variáveis sociais, o tempo de residência apresentou o efeito mais relevante ($p < 0,001$). O coeficiente negativo da variável indica que, à medida que aumenta o tempo de permanência, há maior probabilidade de convergência ao padrão local. No entanto, a análise revelou que esse processo não é linear e nem

automático: o tempo de residência interage com fatores subjetivos, como a identificação e atitudes linguísticas.

Esses resultados reforçam as observações de Oushiro (2016), que aponta a acomodação dialetal como um fenômeno gradual e socialmente orientado, dependente de variáveis identitárias e afetivas. Assim, a adoção da variante alveolar pelas migrantes não se explica apenas pela exposição prolongada, mas também pelo desejo de integração e pela construção de pertencimento à comunidade de destino.

CONCLUSÕES

Essa pesquisa analisou a variação do fonema /S/ em coda silábica na fala de quatro migrantes cariocas residentes na Grande Vitória, investigando a acomodação linguística em direção ao dialeto capixaba, no caso, o [s] alveolar. Entre 456 ocorrências, predominou a realização palatal [ʃ] (63,8%), embora uma informante tenha mostrado convergência quase categórica à variante alveolar (92,3%). A regressão logística indicou o tempo de residência no estado como fator extralinguístico mais relevante, além de efeitos de variáveis linguísticas como tonicidade, posição medial e segmento seguinte.

Esses achados corroboram com a ideia de que a acomodação dialetal é influenciada por fatores sociais e afetivos, além dos fonológicos. A pesquisa contribui para o avanço dos estudos sobre a variação e mudança no português brasileiro, especialmente em contextos de migração interna e contato dialetal.

Como perspectivas futuras, pretendemos ampliar a amostra, incluir informantes de diferentes gêneros e faixas etárias, de modo a aprofundar a compreensão dos processos de acomodação linguística em migrantes.

REFERÊNCIAS

- BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat**: doing phonetics by computer. (versão 6.4.43). 2025. Disponível em: <https://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. Acesso em: 26 jul. 2024.
- CALLOU, D. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.) **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CARDOSO, S. A. M. S. et al. **Atlas linguístico do Brasil**, v.2. Cartas Linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2018.
- GARCÍA, Wendy Elvira. **Fricatives**: zero-crossings-and-spectral-moments, v.2 [script Praat]. GitHub, 2019. Disponível em: <https://github.com/wendyelviragarcia/fricatives>. Acesso em: 20 set. 2025.
- GILES, H.; COUPLAND, N.; COUPLAND, J. **Contexts of accommodation**: developments in applied sociolinguistics. Cambridge, Cambridge University Press, 1991.
- GILES, H. 1973. Accent mobility: a model and some data. In: **Anthropological Linguistics**, 15: 87-105.

- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. New York: Blackwell, 1994. OPENAI. Whisper. Disponível em: <https://github.com/openai/whisper>. Acesso em: 06 jul. 2025.
- OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Xf. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de São Paulo. 2015.
- OUSHIRO, L. **A acomodação dialetal e a estabilidade de padrões sociolinguísticos na fala adulta**. 2016. 84 f. Relatório Científico (Pós-doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- OUSHIRO, L. **A fala de migrantes internos: uma agenda de estudos**. In: ABRALIN50 – Encontro da Associação Brasileira de Linguística, 50., 2019, Maceió, AL. Disponível em: <https://zenodo.org/records/2658839>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- R CORE TEAM. **R: a language and environment for statistical computing** (versão 2025.05.1+513.). 2025. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em 15 fev. 2024.
- WEINREICH, U.; LABOV W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

A DITONGAÇÃO EM SÍLABAS TÔNICAS TRAVADAS POR /S/ NO DIALETO CAPIXABA

Ana Carolina Carnieli Duarte¹
Raquel Gomes Chaves²

Palavras-chave: sociolinguística; sociofonética; ditongação; fala capixaba.

INTRODUÇÃO

Nesse estudo, buscamos investigar o fenômeno variável no português brasileiro (PB) da ditongação resultante da inserção de glide /j/ em sílabas travadas por /s/ em palavras paroxítonas e oxítonas (voc[e]s ~ voc[ej]s, arr[o]z ~ arr[o]z, rap[a]z ~ rap[aj]z). Trata-se de um processo variável de natureza fonético-fonológica que ocorre principalmente em sílabas tônicas finais (tr[ej]s, atr[aj]s), mas também nas tônicas iniciais (c[uj]scuz, t[ej]ste) e mediais – em caso de palavras paroxítonas de duas sílabas ou mais (flor[ej]sta, am[o]jstra).

Para a análise fonológica do processo variável de ditongação, tomamos como base a análise de Bisol (1989, 1994), desenvolvida na perspectiva da Fonologia Autossegmental, que distingue os ditongos em: ditongos fonológicos (ditongos verdadeiros, invariáveis, representados na subjacência da palavra, como reitor ou pauta – nos quais não há registros na literatura de monotongação como em *retor e *pata) e ditongos fonéticos (ditongos falsos, variáveis, apresentando apenas a vogal do núcleo na estrutura subjacente, como peixe ~ peixe, feira ~ fera).

Com base nesta proposta, interpreta-se que estudos acerca da ditongação no português têm como foco os ditongos fonéticos, que apresentam variação. Para a autora, tanto a ditongação quanto a monotongação variáveis seriam manifestações superficiais dos ditongos falsos (no nível fonológico). Assim, esse conceito pode ser aplicado a palavras que apresentam ditongos que alternam entre o apagamento e a realização, tornando-se, eventualmente, monotongos (o que ocorre em palavras como caixa ~ caxa, roupa ~ ropa) e a palavras que supostamente não apresentam ditongo em uma representação abstrata e sofrem o fenômeno da ditongação (dez ~ deiz, arroz ~ arroiz). Em suma, os ditongos falsos englobariam o que, na literatura da sociolinguística, abordamos como contextos passíveis tanto de monotongação quanto de ditongação.

OBJETIVOS

Temos como objetivo geral realizar um estudo descritivo/teórico do processo de ditongação com glide /j/ no dialeto da população da Grande Vitória com base na coleta da Amostra Duarte.

[1] Graduanda em Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (UFES); E-mail: carnieli.carol@gmail.com.

[2] Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de pós-graduação em Linguística (UFES); E-mail: Raquel.chaves@ufes.br.

Já para os objetivos específicos, buscamos (i) contribuir com a descrição fonético/fonológica da fala capixaba; (ii) compreender a influência linguística e social nesse aspecto da fala; (iii) colaborar com os estudos acerca da representação mental de ditongos no PB; (iv) enquadrar essa discussão no quadro mais amplo da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov, Herzog, 1968; Labov, 1972,1994); (v) constituir uma amostra de dados de fala capixaba (Amostra Duarte), com qualidade para análise acústica.

METODOLOGIA

O tamanho da amostra coletada é de quatro informantes provenientes da região metropolitana da Grande Vitória, mais especificamente de habitantes nascidos e criados na região (os quais, segundo a proposta laboviana, representariam a fala local). Os informantes foram, portanto, estratificados nas seguintes categorias: a) escolaridade (Ensino Médio e Ensino Superior) e b) faixa etária (de 22 a 35 anos e acima de 60 anos). Cabe ressaltar, ainda, que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa, sendo 86924924.6.0000.5542 o número do processo.

Em primeiro momento, foi aplicado o questionário como instrumento de coleta de dados de fala. Nesta etapa, seguimos os moldes clássicos de entrevistas de experiência pessoal (proposta variacionista). Após a realização das entrevistas, os sujeitos realizaram a leitura de uma lista de itens lexicais pré-selecionados e de textos, nos quais se encontram as palavras que podem apresentar ditongação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas entrevistas realizadas, foram identificados 568 dados de itens com sílabas tônicas travadas por /s/ em palavras paroxítonas ou oxítonas. A partir da organização e análise desses dados, realizamos, primeiramente, uma classificação baseada na percepção das autoras acerca dos trechos.

Fundado nessa primeira observação, contabilizamos 154 dados ditongados do total de 568 itens, representando um total percentual de 27,1%.

Tabela 1 – a relação entre vogais, dados gerais e dados de ditongos de acordo com a percepção

Vogal no núcleo silábico (exemplo)	Presença total	Presença em ditongos	Total percentual (dos dados de ditongos)
a (rapaz)	160/568	79/154	51,3%
e (três)	142/568	52/154	33,8%
ɛ (dez)	98/568	9/154	5,9%
o (arroz)	29/568	3/154	2%
ɔ (voz)	109/568	11/154	7,1%
u (luz)	30/568	0/154	0%

Fonte: produção das autoras.

Levando em consideração os dados apresentados na Tabela 1, percebemos que a vogal /a/ é a mais presente em realizações gerais, mas também a que aparenta maior favorecimento na realização de ditongos, tendo o percentual mais alto (51,3%) nesse âmbito.

Outro aspecto importante a ser observado é a tonicidade dos dados.

Tabela 2 – A relação entre palavras oxítonas e paroxítonas e a ocorrência ou não do fenômeno da ditongação de acordo com a percepção

Tonicidade (exemplo)	Presença total	Presença em ditongos	Total percentual (dos dados de ditongos)
Palavras oxítonas (arroz, dez)	300/568	152/154	98,7%
Palavras paroxítonas (teste, contexto)	268/568	2/154	1,3%

Fonte: produção das autoras.

Assim, a partir dessa primeira análise, podemos concluir que os contextos favoráveis à ditongação, nos dados observados, foram as palavras oxítonas com a vogal [a] no núcleo silábico, como em paz ~ pa[j]z e mas ~ ma[j]s.

Como análise complementar, realizamos uma investigação acústica dos dados, considerando as trajetórias formânticas (F1 e F2) e a duração relativa dos segmentos-alvo. Levando em conta os dados prototípicos de ditongos fonéticos (análise de transição formântica), podemos constatar mudanças nos resultados obtidos a partir da percepção. Os dados de ditongos totais, nesse caso, foram 138 de 568 dados gerais, sendo, assim, uma ocorrência de 24,3% (em oposição à de 27,1% observada anteriormente).

Tabela 3 – Relação entre vogais, dados gerais e dados de ditongos levando em consideração valores de F1 e F2

Vogal no núcleo silábico (exemplo)	Presença total	Presença em ditongos	Total percentual (dos dados de ditongos)
a (atrás)	160/568	21/138	15,2%
e (vocês)	142/568	83/138	60,1%
ɛ (pés)	98/568	26/138	18,8%
o (arroz)	29/568	1/138	0,7%
ɔ (nós)	109/568	3/138	2,2%
u (Jesus)	30/568	4/138	2,9%

Fonte: produção das autoras.

A partir da nova perspectiva sobre os dados, os resultados em relação às vogais se alteram, em especial ao que se refere à vogal [a]. Divergências também foram constatadas no que tange a tonicidade dos itens analisados.

Tabela 4 – a relação entre palavras oxítonas e paroxítonas e a ocorrência ou não do fenômeno da ditongação levando em consideração valores de F1 e F2

Tonicidade (exemplo)	Presença total	Presença em ditongos	Total percentual (dos dados de ditongos)
Palavras oxítonas (faz, através)	300/568	73/138	52,9%
Palavras paroxítonas (floresta, proposta)	268/568	65/138	47,1%

Fonte: produção das autoras.

Outro aspecto observado é a repetição de itens lexicais, visto que determinadas palavras manifestaram repetidas vezes o fenômeno, como é o caso de: mas (16/66), mês (11/14), texto (11/23) e três (10/16).

CONCLUSÕES

A partir do que foi analisado e discutido neste trabalho, é possível concluir que a ditongação é um fenômeno de interesse para ampliar o conhecimento obtido sobre o dialeto capixaba, o que o compõe e a percepção que a própria população tem sobre a sua maneira de falar. Baseado nos dados de fala coletados nesta pesquisa, constatamos que o fenômeno não ocorre de maneira categórica, apresentando vogal, tonicidade e itens lexicais mais favoráveis à sua manifestação.

Por fim, levando em consideração os dados obtidos e apresentados e os comparativos entre as análises realizadas, evidencia-se a necessidade da realização de uma pesquisa que compreenda a percepção acerca desse aspecto do sotaque capixaba. É fundamental assimilar a frequência de realização dos formantes na ocorrência de ditongos - reais e falsos, como indicado por Bisol (1989) -, as suas durações e as diferenças que têm entre si, compreendendo o que difere cada uma dessas realizações ao ouvinte, de forma a assimilar até que nível certas frequências deixam ou não impressões claras a quem fala e ouve.

REFERÊNCIAS

- BISOL, Leda. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A.**, Rio Grande do Sul, v. 10, n. Especial, p. 123-140, 1994.
- BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A.**, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- CLEMENTS, George N. **Place of articulation in consonants and vowels: an unified theory.** Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory, Ithaca, N.Y, n. 5, p. 78-115, 1991.

- CRISTÓFARO SILVA, Thaís. Descartando fonemas: a representação mental na fonologia de uso. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 200-231.
- GOLDSMITH, John. **Autosegmental phonology**. Bloomington: IULC. 1976.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, William. **Principles of linguistic change: linguistic factors**. Blackwell, 1994.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Blackwell, 2001.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.
- TESCH, Leila. **O sotaque capixaba: um estudo de percepção**. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 16, n. 34, p. 225-242, 2022.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

A Ditongação de /s/ na Fala de Vitória – ES: Uma análise variacionista do PortVix 2025

Maxlaine Coelho Pitangui

Palavras-chave: Ditongação; Sotaque capixaba; Variação linguística. Amostra painel; Sociolinguística variacionista.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, intrinsecamente ligada ao projeto “PORTVIX 2025: Um estudo da variação e mudança linguística na comunidade e no indivíduo”, sob a coordenação da professora doutora Leila Maria Tesch, dedica-se à análise minuciosa do fenômeno da ditongação na fala vernácula dos capixabas. O estudo observa esse fenômeno como a principal marca do sotaque capixaba, dada sua ocorrência recorrente, em particular, em palavras terminadas em /s/ precedidas de vogal.

Na língua portuguesa, ditongos são sequências vocálicas dentro de uma mesma sílaba, segundo Thais Cristófaros Silva (2003). Ou seja, duas vogais juntas em uma palavra que, ao serem pronunciadas, formam um único som. Esse é um processo comum no português brasileiro e pode ser encontrado em diversas palavras, como: língua, quase, leite, noite, entre tantas outras. É fundamental diferenciar os ditongos dos hiatos. Enquanto o ditongo mantém a vogal e a semivogal unidas na mesma sílaba, o hiato separa as duas vogais em sílabas diferentes durante a divisão silábica.

Além disso, há também o fenômeno linguístico da ditongação, caracterizado pela inclusão de uma vogal ou semivogal em uma palavra que, originalmente, não continha um ditongo. Este é um fenômeno exclusivo da fala, ou seja, não será encontrado na língua escrita e corresponde aos estudos de prosódia, por exemplo.

Para ilustrar, podemos recorrer ao sotaque carioca, onde a ditongação ocorre frequentemente quando um /s/ é precedido por uma vogal no meio de uma palavra. Isso pode ser facilmente percebido em exemplos como: pastel [/paʃ 'tɛw/] e gosta [/'gɔʃʃtɛ/]. Nesse sentido, podemos afirmar que o processo de ditongação acontece quando há a inclusão de uma semivogal, ou uma vogal onde, graficamente, não existe um ditongo.

[1] Graduando de Letras Português (UFES); e-mail:

Deste modo, a hipótese central da pesquisa é se a ditongação é um traço característico da fala vernácula dos residentes de Vitória, se essa marca se mantém ao longo dos anos ou já está sendo substituída por outros traços linguísticos, visto que já se espera que essa marca seja expressiva na fala vernácula dos capixabas pois, segundo Tesch, “com bastante frequência foi apontado o fenômeno da ditongação que consiste no acréscimo de uma semivogal a uma sílaba, principalmente seguida de s ou z, como em ‘arroiz’”. Tal investigação será analisada de acordo com a amostra painel do PortVix, vale ressaltar que o PortVix terá duas amostras sendo uma tendência e uma painel, contudo esta pesquisa analisará apenas a amostra painel.

Segundo Labov (1994), para que se possa, de fato, comprovar se há ou não variação linguística, deve-se utilizar uma metodologia longitudinal, isto é, observar e reanalisar a fala dos indivíduos 20 anos depois da primeira coleta de dados para que se possa ter uma amostra do tempo real da língua, o que chamamos de amostra painel.

Neste aspecto, a primeira etapa desta pesquisa consistirá na implementação de um estudo longitudinal do tipo painel. Esse método envolve o meticuloso recontato com os informantes que compuseram o banco de dados original do projeto. A condução de novas entrevistas com os mesmos participantes permitirá uma análise comparativa aprofundada entre o registro da fala coletado entre os anos de 2001 e 2003 e os novos dados, cuja obtenção está programada para ocorrer entre 2025 e 2026. Tal abordagem metodológica revelará os processos de mudança ou de estabilidade linguística manifestados por esses falantes ao longo do tempo. Para assegurar a rigorosa comparabilidade entre as duas fases da coleta, os parâmetros metodológicos adotados no levantamento inicial serão estritamente mantidos.

No início dos anos 2000, especificamente entre 2001 e 2003, o Grupo Capixaba de Estudos e Variação e Mudança Linguística – PortVix da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob coordenação da prof.^a Dr.^a Lilian Coutinho Yacovenco, realizou, baseando-se nos estudos do Labov, 2008 [1972], Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], 46 entrevistas que constituem a amostra do PortVix, tal amostra apresenta diversas faixas etárias, diversos níveis de escolaridade de diferentes zonas administrativas da capital capixaba.

Com o objetivo de investigar a ditongação do /s/ precedido de vogal, a presente pesquisa empregará os dados da amostra painel do PortVix, que incluem as coletas dos anos 2000 e as de 2025. Essa abordagem, que estabelece um intervalo de mais de 20 anos entre as coletas, é crucial para testar a hipótese laboviana sobre a variação linguística em tempo real, permitindo ao PortVix analisar a manutenção ou a substituição desse traço na fala dos mesmos indivíduos.

OBJETIVOS

- Observar e descrever a ocorrência e os padrões do fenômeno da ditongação no sotaque capixaba, especialmente em palavras terminadas em /s/ precedidas de vogal.
- Investigar a permanência ou alteração dessa variação linguística na amostra painel do projeto PortVix, analisando-a à luz das hipóteses de Labov sobre a mudança e estabilidade em tempo real.

METODOLOGIA

A presente pesquisa utiliza a abordagem quali-quantitativa, isto é, compreender os contextos e os padrões de uso além de mensurar a frequência das variáveis da ditongação diante de /s/ precedida de vogal no português falado na cidade de Vitória. Assim, será possível investigar o fenômeno da ditongação de /s/ precedido de vogal, com um viés comparativo entre duas sincronias, promovendo a compreensão dos processos de variação e a identificação de possíveis indicadores de mudança linguística na fala capixaba.

Inicialmente, os dados serão analisados na perspectiva diacrônica, por meio do tempo real, comparando os mesmos falantes entrevistados nos anos 2000 com novas entrevistas realizadas em 2025 e 2026. Contudo, reconhecem-se as limitações desse método, uma vez que pode não ser possível o recontato com todos os 46 participantes da amostra original do PortVix 2000, seja por mudança de domicílio, falecimento ou recusa em participar de nova entrevista. Dessa forma, as entrevistas serão realizadas com os indivíduos que conseguirmos contactar da primeira amostra. Vale ressaltar que este estudo empregará apenas a amostra painel para a análise. Isso significa que utilizaremos as entrevistas originais do PortVix 2000 e as entrevistas resultantes do recontato da amostra painel do PortVix 2025.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora o processo de coleta de dados ainda esteja em andamento, espera-se, baseado em questões empíricas, que haja um uso expressivo do fenômeno abordado.

CONCLUSÕES

Por fim, o presente estudo objetiva contribuir com as pesquisas desenvolvidas pela prof^a. Dra. Leila Maria Tesch, que busca investigar diferentes fenômenos linguísticos intrínsecos ao sotaque capixaba e sua variação linguística. Em suma, esta pesquisa oferece uma análise detalhada de um fenômeno linguístico crucial, valida teorias sociolinguísticas e valoriza uma característica marcante da fala da população capixaba. Vale ressaltar que a presente pesquisa é inédita no cenário capixaba, isto é, até o presente momento não houveram publicações acadêmicas sobre a ditongação em palavras terminadas em /s/ precedidas de vogal.

REFERÊNCIAS

- HELLWIG, B.; GEERTS, J. ELAN – **Linguistic Annotator**. Versão 4.4.0. Disponível em: <http://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- SILVA, Thaís Cristófaru. Introdução. In: SILVA, Thaís Cristófaru. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- TESCH, Leila Maria; YACOVENCO, Lilian Coutinho. Portvix: Estratégias de Bancos de Dados para a Continuidade da Documentação em Pesquisas Sociolinguísticas. In: **Desafios para Pesquisa em Sociolinguística**. Blucher Open Access, 2022. p. 51-70.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William.; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de M. Bagno; rev. C. A. Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].
- YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; TESCH, Leila Maria; BRAGANÇA, Marcela Langa L.; EVANGELISTA, Elaine Meireles; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de; CALMON, Elba Nusa; CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid Franco; BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SILVA, Janaína Biancardi da; BERBERT, Aline Fonseca; BENFICA, Samine de Almeida. **Projeto PortVix**: a fala de Vitória/ES em cena. Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 56, p. 771-806, 2012.

VARIAÇÃO NA PRONÚNCIA DO DITONGO NASAL <ÃO> NAS TELAS DO INSTAGRAM: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE INFLUENCIADORES DIGITAIS ÍTALO-DESCENDENTES

Luísa Salomão Gottardo¹
Leila Maria Tesch²

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação estilística. Vêneto. Ditongo nasal. Redes sociais.

INTRODUÇÃO

Por meio dos fundamentos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]) e utilizando-se dos pressupostos da Variação Estilística e da vertente Línguas de Herança, o presente trabalho debruçou-se sobre a análise da variação na pronúncia do ditongo nasal [ãʊ] na fala de três influenciadores digitais do município de Marilândia/ES, comunidade que recebe forte influência do Vêneto, graças a forte colonização italiana nessa região. O objetivo principal da pesquisa é observar a variação entre as formas [õw] e [ãʊ] na fala de três influenciadores digitais de Marilândia, em vídeos publicados no *instagram*, e quais os contextos de fala que condicionam o uso de cada variante. A hipótese principal da pesquisa é que os falantes ítalo-descendentes preservam a variante característica de descendentes do vênето em suas publicações em redes sociais, no caso, o uso de [õw]. Para realizar a pesquisa, foram coletados diversos vídeos dos stories do *instagram* dos três influenciadores selecionados, que foram posteriormente transcritos no programa Elan. Em um segundo momento, os dados com a variável analisada foram levantados e depois analisados em uma planilha de Excel.

OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa concentra-se em estudar a variação na pronúncia do ditongo nasal [ãʊ] na fala de três influenciadores digitais do município de Marilândia/ES, em diferentes contextos de fala e em seus perfis do *Instagram*. Como objetivos específicos, destacamos: observar quais contextos favorecem o uso da variante padrão [ãʊ] e quais favorecem o uso de [õw]; relacionar os resultados alcançados a outros trabalhos que apresentem semelhanças com esta pesquisa; analisar o corpus coletado para entender a influência do dialeto vênето na comunidade de fala pesquisada; contribuir com os estudos desenvolvidos pelo PortVix (Grupo Capixaba de Estudos de Variação e Mudança Linguística); possibilitar uma maior descrição da variedade linguística capixaba; trabalhar, no contexto educacional, questões relacionadas ao preconceito linguístico advindas das marcas de fala do vênето nos munícipes.

METODOLOGIA

A pesquisa variacionista acerca do ditongo nasal [ãʊ] tem como base teórica a

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFES); e-mail: larissavianna090@gmail.com.

² Professora Doutora ; e-mail: .

Teoria da Variação e Mudança, de William Labov (Labov, 2008), acrescida de outras leituras relacionadas à variação estilística e ao contato linguístico. Nos meses iniciais da pesquisa, foram realizadas leituras e fichamentos de trabalhos que compõem a lista de revisão bibliográfica, como Barauce e Loregian-Penkal (2020), Bertoldi e Drago (2008) e Meneghel (2015). Antes de iniciar as coletas, foram selecionados previamente três influenciadores digitais ítalo-descendentes: um do sexo masculino e duas do sexo feminino. Foram estabelecidos também dois dias da semana para acontecer a coleta: terça-feira e quinta-feira pela manhã. Nesse momento das gravações, foi utilizado o recurso de gravação de tela, disponível no *Iphone*, gravando todos os stories publicados por cada influenciador nas últimas 24 horas. A captação acontecia independentemente do conteúdo publicado e da forma como foi falado, visto que, em pesquisas sociolinguísticas, a coleta de dados deve ser aleatória para que se consiga captar uma maior variedade de falas e para que não haja manipulação dos dados. Por isso, os vídeos foram coletados de maneira aleatória, e somente ao final foram transcritos no programa Elan, analisados e estudados para contabilizar as variantes encontradas. Ainda, as gravações coletadas resultaram em um corpus composto por 45 gravações de vídeo, em que cada uma delas continha, em maioria, entre 3 a 6 minutos, e resultaram em um *corpus* total de 238 ocorrências do fenômeno analisado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

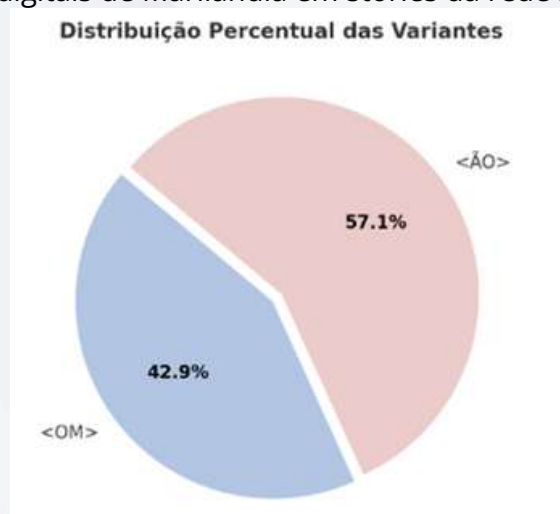
No *corpus* levantado e analisado desta pesquisa, composto por ocorrências de ditongo nasal [ãõ] na fala de stories da rede social Instagram de três influenciadores digitais, foram encontradas 238 ocorrências do fenômeno, o que nos permitiu alcançar um número de dados suficiente para realizar esta pesquisa, mesmo diante das limitações de tempo e problemas técnicos com as gravações de tela. O resultado geral da variação do ditongo nasal [ãõ] apresentou, como mostra o Gráfico 1 e a Tabela 1 abaixo, um quantitativo de 57,1% ocorrências do ditongo nasal [ãõ] e 42,9% da variante vêneta [õw]. A partir desse resultado, observa-se que, apesar de haver um predomínio do ditongo nasal, variante do português brasileiro, a forma variante vêneta [õw] ficou com valor percentual próximo e aconteceu com uma alta frequência na fala dos influenciadores digitais do município de Marilândia/ES, mesmo que em contexto de redes sociais, em que a fala tende a ser mais monitorada. Desse modo, a hipótese principal da pesquisa foi confirmada, visto que os falantes ítalo-descendentes preservaram a variante vêneta em suas postagens no *Instagram*, mesmo que haja o predomínio do ditongo nasal [ãõ], o que também esperávamos que aconteceria.

Tabela 1: Resultado geral de uso das formas variantes do ditongo nasal <ão> na fala de influenciadores digitais

	[ãõ]	[õw]	Total
Nº de dados	129	97	226
%	57.1	42.9	100

Fonte: Produção própria.

Gráfico 1: Distribuição geral das formas variantes do ditongo nasal <ão> na fala de influenciadores digitais de Marilândia em stories da rede social *Instagram*



Fonte: produção própria.

Paralelo à análise anterior, tem-se, na tabela 2, os resultados obtidos através da análise das temáticas dos stories dos influenciadores digitais:

Tabela 2: Distribuição do uso das formas variantes do ditongo nasal [ãʊ] em relação às situações comunicativas

TEMÁTICA DO STORY	[ãʊ]	[õw]
Conversa com seguidores	52,8%	47,2%
Propaganda	64,6%	35,4%

Fonte: produção própria.

As situações comunicativas foram divididas em dois grandes grupos: propaganda e conversa com seguidores. Esperávamos, na situação comunicativa propaganda um maior uso do ditongo nasal [ãʊ], o que de fato aconteceu. O ditongo prevaleceu com 64,6% de ocorrência, já a variante vêneta ocorreu em 35,4% das gravações, sendo um resultado também expressivo para a ocasião de maior formalidade, o que reforça a hipótese de que os influenciadores digitais ítalo-descendentes preservam a variante [õw] mesmo em contextos de fala tendenciosamente mais formais. Isso pode ser observado nos exemplos de contextos de propagandas citados abaixo:

(01) vamos à promoç[ãʊ] ... promoç[õw] gente da pasta de amendoim tá... vários óh essa aqui é pasta integral de cacau [...] e aqui promoç[õw] também da creatina dux acabei de separar mais uma. (Influenciadora S)

(02) ... gostaram n[õw] da spaten ou só pode ser macumba... porque num tem condiç[õw] n[õw] bicho ... num tem condiç[ãʊ]... Galeris estou aqui na esteticista [G] vim fazer meu laser só pra dar uma clareadinha... segunda sess[ãʊ] e última. (Influenciadora S)

(04) ... é proteico gente n[õw] contém glúten n[ãõ] tem lactose... tem whey protein e n[ãõ] tem adição de açúcar [...] vou provar agora essa creatina e se for bom ou n[ãõ] eu vou falar a verdade tá... s[õw] três gramas de creatina por dia e dura pra um mês só tá... ent[õw] assim 70 reais pra um mês super compensa porque eu paguei na última creatina que eu comprei mais de 100 reais ent[õw] super compensa tá. (Influenciadora Ar)

CONCLUSÕES

Diante dos resultados encontrados através da análise dos dados transcritos pelo programa Elan e analisados posteriormente no Excel, foi possível comprovar a hipótese principal da pesquisa de que os falantes utilizam a variante advinda do vêneto em seus conteúdos nas redes sociais. Nas coletas realizadas, a variante ocorreu em 42,9% do total de ocorrências do fenômeno analisado, estando muito próxima dos usos do ditongo nasal [ãõ], que ocorreu em 57,1% dos casos totais. Mesmo tendo o ditongo nasal como maioria, o número de ocorrências da variante veneta na fala dos influenciadores foi muito expressivo, o que reforça ainda mais a hipótese de que os traços linguísticos do vêneto continuam presente no dia a dia dos ítalo-descendentes da cidade de Marilândia, e, além disso, também estão presentes em suas redes sociais. Nesse sentido, pode-se perceber que a variante [õw] também ocorreu nas situações formais de fala dos influenciadores, como em propagandas com 35% de ocorrência dos dados totais. Esse resultado expressivo não era esperado nas hipóteses iniciais, visto que, nesta situação comunicativa, que tende a ser mais monitorada pelo fato de ser mais planejada com antecedência, imaginava-se uma predominância grande do ditongo nasal.

REFERÊNCIAS

- BARAUCE, S. M.; LOREGIAN-PENKAL, L. O contato entre o vêneto e o português na cidade de Palmeira, Paraná: variação da pronúncia do ditongo tônico nasal <ão>. **TRIVIUM**, v. V.7, N. 1, p. 152- 173, 2020.
- BERTOLDI, C.; DRAGO, J. **Família Drago**: 130 anos de Brasil. Espírito Santo: IDEALLI, 2008.
- COMINOTTI, Katiusica Sartori Silva; PERES, Edenize Ponzio. O sentimento de identidade e a manutenção/ substituição linguística: o caso do vêneto em São Bento de Urânia, Espírito Santo. **Revista do GEL**, v.18, n. 3, p. 219-242, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. v. 26. São Paulo, Parábola, 2008 [1972]. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso
- MENEGHEL, S. A. P. **O ditongo nasal tônico –ão falado por ítalo descendentes de Santa Maria do Engano/ES**: uma análise sociolinguística. Dissertação de mestrado. Vitória: UFES, 2015.
- PERES, E. P. ; MENEGHEL, S. A. P. . Consequências do contato entre o vêneto e o português em Santa Maria do Engano, Alfredo Chaves/ES: o ditongo nasal tônico <ão>. **(Con)Textos Linguísticos**, v. 11, p. 42-62, 2017.

O APAGAMENTO DO /R/ PÓS-VOCÁLICO FINAL NA FALA DE HABITANTES DA REGIÃO MENOS URBANIZADA DE FLORIANÓPOLIS

Ellen Santos de Oliveira¹
Raquel Gomes Chaves²

Palavras-chave: Róticos; Variação linguística; Codal final; Florianópolis.

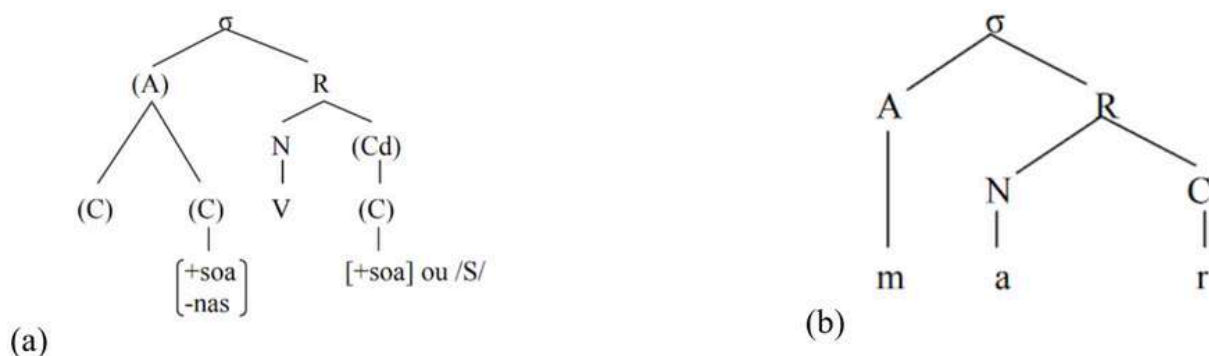
INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada “O apagamento do /R/ pós-vocálico final na fala de habitantes da região menos urbanizada de Florianópolis” tem a finalidade de investigar como a consoante R é produzida em final de palavra na fala de uma comunidade isolada de Florianópolis-SC, a Costa da Lagoa. Logo, verifica-se a variação do rótico em palavras como *beber*, em caso de verbo (que pode variar entre bebe[r] ~ bebe[h] ~ bebe∅) e *motor* (moto[r] ~ moto[h] ~ moto∅), em não verbos.

De modo geral, a variação do rótico se atrela à posição em que tal consoante se encontra na sílaba. Pensando nisso, Monaretto (2009, p. 141) elabora que “É na posição final que a vibrante apresenta maior variação, e a sua realização caracteriza diferentes regiões brasileiras”. Sendo assim, é possível compreender o caráter identitário do /R/ como marca de uma região ou comunidade.

Para entender a relação de localização da consoante referida na sílaba, recorre-se aqui a proposta de hierarquização silábica, inicialmente trazida por Selkirk (1982) e adaptada por Bisol (1999) para o PB:

Figura 1 - Proposta de sílaba segundo hierarquia proposta por Selkirk (1982)



Fonte: Bisol (1999, p. 703).

Na parte (a) da Figura 1, observa-se que a sílaba pode ser dividida em dois segmentos: ataque, (A), e rima, R. Enquanto o ataque é constituído por até duas consoantes, a rima se subdivide em núcleo (sempre vogal) e coda, ocupada pelas consoantes /n/, /l/, /s/ e /r/. Em (b), a proposta é exemplificada pela sílaba *mar*: a letra *m* se coloca como consoante de ataque, a vogal *a* ocupa a posição de núcleo e, por fim, encontra-se na coda o *r*. Essa disposição evidencia a palavra *mar*, indicando que o *r* ocupa posição de coda final, mas, no caso da palavra *martelo*, exemplo em que a sílaba não ficaria ao final da palavra, sinalizaria assim, um caso de coda medial.

¹ Graduanda (DLL/UFES); e-mail: ellen.s.oliveira@edu.ufes.br.

² Professora Doutora (DLL/PPGEL/UFES); e-mail: raquel.chaves@ufes.br.

O presente estudo conta como bases teóricas a Teoria da Variação e Mudança Linguística de Weinreich, Labov e Herzog (1968), em conjunto com pesquisas desenvolvidas sobre o mesmo fenômeno (r-final) em Florianópolis, a saber, Monaretto (2000) Brescancini e Monaretto (2008), Monaretto (2009), Campos et al. (2013) e Oliveira et al. (2018). Essas pesquisas revelam que, nas áreas urbanas da cidade em análise, o apagamento do /R/ em contexto de pós-vocálica final é superior em relação às outras capitais da região Sul, atestando a supressão do segmento como marca da fala florianopolitana.

OBJETIVOS

No que se refere aos objetivos da referida pesquisa, procura-se, além da descrição da realização do rótico em contexto de coda externa na Costa da Lagoa, apurar quais as possíveis motivações (sejam linguísticas ou sociais) que estejam contribuindo para a variação do objeto do estudo. Tal trabalho tem o propósito de contribuir com a ampliação de estudos na Costa da Lagoa e na capital catarinense, colaborando também para um mapeamento da fala florianopolitana (e, de modo mais amplo, sulista).

METODOLOGIA

Para que tais objetivos sejam alcançados, foram utilizadas nesta pesquisa oito entrevistas de experiência pessoal pertencentes à Amostra Chaves (2017), unidade complementar do banco VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). As entrevistas que constituem o *corpus* são de oito informantes: quatro homens e quatro mulheres, que, durante a coleta, possuíam idades dos 18 aos 68 anos e graus de instrução distintos, desde o ensino fundamental incompleto até o ensino superior. O Quadro 1 a seguir apresenta a estratificação dos falantes selecionados.

Quadro 1 - Estratificação social dos falantes escolhidos

Informante	Sexo	Idade (na coleta)	Escolaridade
Informante 04	Feminino	68 anos	4ª série
Informante 05	Masculino	65 anos	4ª série
Informante 10	Masculino	24 anos	Ensino Fundamental
Informante 11	Feminino	30 anos	Ensino Fundamental
Informante 13	Feminino	18 anos	Ensino Médio
Informante 14	Masculino	30 anos	Ensino Médio
Informante 21	Masculino	30 anos	Ensino Superior
Informante 23	Feminino	33 anos	Ensino Superior + Esp

Fonte: elaboração própria.

A respeito da comunidade em exame, a Costa da Lagoa se localiza na região menos urbana da ilha de Florianópolis e possui difícil acesso, uma vez que para chegar ao local, é necessário o uso de barcos. Atualmente, a comunidade vive do turismo.

No quesito de variáveis independentes, o estudo se delimita em três de natureza linguística (classe morfológica, contexto precedente e contexto seguinte) e três extralinguísticas (sexo, idade e escolaridade).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No tocante aos resultados da pesquisa, foram coletados 1577 dados no total. Desses dados, foram identificados 1110 casos de apagamento, conforme indica o Quadro 2, com o percentual das outras variantes:

Quadro 2 - Distribuição dos dados obtidos

Realização	Ocorrências/total	Percentual
Apagamento	1110/1577	70,4%
Fricativa glotal	383/1577	24,3%
Tepe	82/1577	5,2%
Retroflexo	1/1577	0,06%
Fricativa velar	1/1577	0,06%

Fonte: elaboração própria.

Conforme visto acima, a queda do /R/ se mostra muito recorrente na fala da comunidade, indicando que os falantes da Costa, assim como os da região urbana de Florianópolis, também utilizam o apagamento como principal variante.

A respeito das variáveis independentes, no aspecto linguístico, a variável classe de palavra aponta para a categoria dos verbos como principal motivador para o zero fonético (78,2%). Já no contexto antecedente ao r-final na sílaba, as vogais coronais ([e], [i] e [ɛ]) e a dorsal [a] foram os fatores que mais contribuiriam para o apagamento, chegando a percentuais de 79,9% e 72,9% de cancelamento, respectivamente. Para finalizar as condições linguísticas, no contexto seguinte, isto é, na inicial da palavra subsequente ao rótico, encontra-se a prevalência das consoantes /f/ (84%), [ʃ] (83,3%), /l/ (82,8%), /p/ (81,2%) e da pausa (60,7%) como principais contribuintes para a supressão do /R/.

Passando para o ponto de vista social de análise, é possível notar que há equilíbrio entre os informantes homens e mulheres na comunidade ao adotarem o apagamento como variante favorita. São 68,97% de zero fonético para falantes do sexo masculino e 71,2% para o sexo feminino. Já no quesito idade, os participantes de idade intermediária (30 e 33 anos), aplicam mais a regra de cancelamento aos demais (77,2% e 81,2%, respectivamente). Por fim, a escolaridade também se mostrou fator interessante para a análise. Os resultados

mostram que os falantes mais escolarizados, ou seja, aqueles que possuem pelo menos a graduação, apagam mais a consoante rótica do que os falantes com estudos até a 4ª série. Esses dados revelam, assim, um padrão crescente de queda do /R/ conforme mais instruído for o falante.

Quadro 3 – Resultado da variável social Escolaridade

Escolaridade	Ocorrências/total	Percentual
4ª série	169/312	54,2%
Ensino fundamental	239/343	69,7%
Ensino médio	395/522	75,7%
Ensino superior+esp	307/400	76,75%

Fonte: elaboração própria.

CONCLUSÕES

Os resultados desta pesquisa indicam que o apagamento é a variante predominante entre os falantes da Costa da Lagoa, assim como ocorre no restante da cidade de Florianópolis. Esse indicativo revela, segundo as variáveis independentes, que os falantes mais escolarizados e com cerca de 30 anos são os que mais realizam o cancelamento da consoante em exame. Entende-se que os objetivos propostos foram alcançados, o que amplia os estudos do fenômeno e contribui para o mapeamento da fala de Florianópolis e da região Sul.

Em relação a estudos futuros, considera-se essencial a estruturação de uma pesquisa com um número maior de informantes e um *corpus* mais atualizado.

REFERÊNCIAS

- BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena Moura (org.). **Gramática do português Falado**. Campinas: Editora Humanista/FFLCH/USP, 1999.
- BRESCANCINI, Cláudia.; MONARETTO, Valéria. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. **SIGNUM: Estudos Linguísticos**, Londrina, n. 11/2, p. 51-66, dez. 2008.
- CALLOU, Dinnah; LEITE, Yonne. **Iniciação a Fonética e a Fonologia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAMPOS, E.; BROD, L; SEARA, I. Estudo de casos: os róticos em Maringá (PR) e Florianópolis (SC). **UOX: Revista Acadêmica de Letras-Português**, Santa Catarina, n. 01, p. 82-95, fev. 2013.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MONARETTO, Valéria. Descrição da Vibrante no Português do sul do Brasil. In:

- BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (Orgs.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 141-151
- MONARETTO, Valéria. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, 2000.
- OLIVEIRA, Ingrid da Costa; SANTANA, Mayra; XAVIER, Karilene da Silva; SERRA, Carolina Ribeiro. O rótico em coda silábica final na região sul do Brasil: variação e mudança no corpus do ALiB. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 20, n. especial, p. 334-364, 2018.
- WEINREICH, U., Labov, W. & HERZOG, M. (1968). **Empirical Foundations for a Theory of Language Change**, in LEHMANN & MALKIEL (1968) [ed. br.: (2006). Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. trad.: M. Bagno. São Paulo: Parábola Editorial].

PRESTÍGIO ENCOBERTO, IDENTIDADE E SOLIDARIEDADE: evidências no Português Brasileiro

Elaine Cristina Borges de Souza¹

Palavras-chave: prestígio encoberto; identidade; variação; português brasileiro.

INTRODUÇÃO

Tomamos como ponto de partida Souza (2023), que mostra a pertinência do prestígio encoberto para compreender a variação no falar goiano, com atenção à concordância nominal e à realização do /R/ retroflexo em coda. A tese trabalha no horizonte da terceira onda, combina variação estilística, persona e etnografia digital, registra a alta produtividade do /R/ retroflexo em Goiás e indica que a ausência de marcas de concordância pode funcionar como traço identitário em determinadas situações de fala.

Na tradição clássica, Trudgill (1972) evidencia, no caso de Norwich, que formas tidas como não padrão podem receber avaliação positiva dentro do grupo, variando conforme gênero e grau de controle da situação. Milroy (1980) mostra que redes densas e multiplex sustentam normas locais de uso, definindo quando uma forma é adequada, a quem se dirige e em que circunstâncias aparece. Não é mera preferência individual. Há reconhecimento coletivo de expectativas de fala, com aprovação ao seguir a norma do grupo e sanções sutis quando se foge dela.

Esse enquadramento ajuda a entender por que formas estigmatizadas publicamente seguem presentes em certos lugares e momentos. O prestígio encoberto nomeia o valor positivo que circula no grupo. As normas encobertas explicam as regras que organizam esse valor no uso cotidiano. Em termos práticos, as normas encobertas dão suporte social e interacional ao prestígio encoberto. Prestígio encoberto é o valor positivo. Normas encobertas são as regras que orientam esse valor.

No Brasil, o quadro é convergente. Há trabalhos que nomeiam prestígio encoberto ao discutir a revalorização sociocultural do /R/ retroflexo relacionado ao chamado dialeto caipira. Descrições regionais conectam a manutenção do traço a prestígio sociolinguístico. Estudos de crenças e atitudes mostram que o /R/ retroflexo, embora estigmatizado por falantes externos, identifica e valoriza a variedade rio-pretense, compatível com a definição operacional do conceito. Para manter clareza, adotamos um critério simples. Quando um estudo brasileiro não usa a expressão “prestígio encoberto”, mas mede atitudes sobre variantes locais e encontra valoração positiva associada à identidade e ao pertencimento, tratamos o resultado como evidência convergente. Em cada caso, separamos o que é dado empírico do que é interpretação, em linha com as opções analíticas de Souza (2023), que articulam valores abertos e encobertos à observação do uso em situação.

¹ Doutora em Linguística, membro do grupo de pesquisa PortVix, pesquisadora do Programa EJA Integrada (MEC/COEJA/IFES).

OBJETIVOS

- i) Integrar o caso goiano de Souza (2023) ao panorama brasileiro recente sobre prestígio encoberto e normas encobertas.
- ii) Valorizar trabalhos nacionais que usam explicitamente o termo e organizar suas contribuições empíricas.
- iii) Propor uma agenda metodológica voltada à detecção de normas encobertas e à mensuração de seus efeitos avaliativos no português brasileiro.

METODOLOGIA

Realizamos uma revisão analítica em três partes: primeiro, revisitamos a base clássica sobre estratificação, prestígio e redes sociais, com Trudgill (1972) e Milroy (1980). Em seguida, mapeamos estudos brasileiros que nomeiam o prestígio encoberto na discussão, além de pesquisas que testam crenças e atitudes em recortes regionais com resultados compatíveis com o conceito. Por fim, tomamos Souza (2023) como estudo de caso para ancorar, no português brasileiro, a leitura de significado social e de identidade associada ao uso de formas específicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos apontam um padrão claro. Variantes vernáculas podem receber avaliação positiva em contextos de maior coesão social, variando conforme estilo, papéis sociais e laços locais. Em diálogo com Souza (2023), a literatura que nomeia prestígio encoberto, somada a pesquisas de atitudes, indica que identidade e pertencimento ajudam a explicar a presença de formas não padrão.

Nesse arranjo, as normas encobertas dão o suporte social ao prestígio encoberto: o prestígio encoberto é o valor positivo; as normas encobertas são as regras que orientam esse valor, definindo quando, com quem e em que estilos a variante é adequada. Esse enquadramento integra evidências de produção, avaliação e redes, separando pressão de status de solidariedade e identidade local.

1. Goiás como eixo empírico:

Em Souza (2023), o /R/ retroflexo aparece como marca de territorialidade e reconhecimento entre pares, inclusive em cenas de maior controle, enquanto a concordância nominal se mostra mais sensível à situação de fala. A avaliação positiva se manifesta em contextos de maior proximidade, compondo um quadro de prestígio encoberto.

2. Estudos brasileiros que usam explicitamente o termo:

a) Aguilera e Silva (2015) discutem permanência e reinterpretação social do /R/ retroflexo, associando a manutenção do traço a prestígio encoberto na reconfiguração do chamado caipira;

b) Bazzo (2021) descreve o /R/ retroflexo no sul do Pará e vincula a permanência do traço a prestígio sociolinguístico, em diálogo direto com a literatura sobre prestígio encoberto;

c) Benfica (2024) apresenta resultados de atitudes linguísticas no Espírito Santo e emprega o enquadramento de prestígio encoberto para interpretar avaliações positivas de usos locais em contraste com a norma escolar e urbana. Quando o termo não aparece em passagens específicas, os dados de valoração local são tratados como evidência compatível com o conceito e assim são explicitados.

1. Evidências convergentes baseadas em atitudes:

Vassoler e Camacho (2016), em São José do Rio Preto, mostram que o /R/ retroflexo, embora visto como inadequado por falantes externos, identifica e valoriza a variedade local segundo testes de crenças e atitudes, padrão compatível com a noção de prestígio encoberto.

2. Implicações metodológicas.

Para desenho de pesquisa e replicação, adote um arranjo simples e integrado: análise variacionista sensível ao estilo, com recortes claros de situação de fala; protocolos de atitudes com medidas diretas e indiretas, usando materiais comparáveis; descrição de redes de convívio, observando densidade e multiplexidade; e etnografia em presença e em ambientes digitais. Esse conjunto aproxima produção e avaliação, reduz viés de autoapresentação e permite estimar a força das normas encobertas em cada comunidade. Na prática, priorize três passos: medir atitudes com instrumentos replicáveis, descrever com precisão os contextos de fala e os papéis sociais envolvidos e documentar os vínculos que sustentam a escolha por variantes locais. (redes sociais).

CONCLUSÕES

No português brasileiro o uso de formas tidas como não padrão não se explica só por prescrições escolares. Em acordo com Souza (2023), escolhas de fala se orientam por avaliações situadas de identidade, pertencimento e laços de sociabilidade. O /R/ retroflexo opera como marca de territorialidade e reconhecimento entre pares, enquanto a concordância nominal responde mais às exigências da cena de uso. Nesse quadro, não é erro, mas repertório social acionado para marcar identidade e solidariedade.

A distinção entre prestígio aberto e prestígio encoberto fica mais clara quando vinculada às normas encobertas: as normas encobertas dão o suporte social ao prestígio encoberto. Prestígio encoberto é o valor positivo; normas encobertas são as regras que orientam esse valor, indicando quando, com quem e em que estilos a variante é adequada, como já discutem Labov (2006) e Milroy (1980).

Os estudos citados reforçam esse entendimento em recortes distintos: em São José do Rio Preto, Vassoler e Camacho (2016) mostram avaliação favorável local ao /R/ retroflexo; na leitura do chamado caipira, Aguilera e Silva (2015) apontam reavaliação social com nomeação explícita de prestígio encoberto; no sul do Pará, Bazzo (2021) relaciona a permanência do /R/ retroflexo a avaliações locais; no Espírito Santo, Benfica (2024) apresenta protocolos de atitudes que permitem medir essa valoração em contraste rural e urbano.

Do ponto de vista do procedimento, a articulação entre análise variacionista, protocolos de atitudes, descrição de redes e observação etnográfica ajuda a verificar quando a avaliação positiva se difunde, quando permanece circunscrita e como se reorganiza diante de escolarização, circulação midiática e mobilidade. Esse arranjo sustenta uma explicação consistente para o uso do /R/ retroflexo e de padrões variáveis de concordância no Brasil, com alcance para além do caso goiano.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. Uma nova configuração do /R/ retroflexo. **Revista da ABRALIN**, 14(1), 171–194, 2015. Disponível em: revista da ABRALIN
- BAZZO, Manoella Gonçalves; REZENDE, Tânia Ferreira. Entre prestígio e preconceito: a realização do /R/ retroflexo no sul do Pará. **Fórum Linguístico**, 18(3), 6514–6528, 2021. Disponível em: periódico UFSC.
- BENFICA, Samine de Almeida. **Atitudes linguísticas de falantes da área rural e da área urbana do Espírito Santo**. Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre. 2024. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024. Disponível em: Repositório UFES.
- LABOV, William. **The Social Stratification of English in New York City**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006 [1966].
- MILROY, Lesley. **Language and Social Networks**. Oxford: Blackwell, 1980. Registro público.
- SOUZA, Elaine Cristina Borges de. **Prestígio encoberto, identidade e solidariedade no falar goiano: concordância nominal e /R/ em coda silábica**. Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre. 2023. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.
- TRUDGILL, Peter. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. **Language in Society**, 1, 179–195, 1972.
- VASSOLER, Aline; CAMACHO, Roberto Gomes. Crenças e atitudes linguísticas: a variante /R/ retroflexo na variedade rio-pretense. **Revista do GEL**, 13(2), 163–191, 2016. DOI: 10.21165/gel.v13i2.1426.

ANÁLISE DE ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS DAS LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO (POMERANO E HUNSRÜCKISCH) EM CONTATO COM O PORTUGUÊS NO MUNICÍPIO DE SANTA LEOPOLDINA - ES

Shirlei Conceição Barth Schaeffer[1]

Palavras-chave: línguas de imigração; pomerano; hunsrückisch; sociolinguística de contato.

INTRODUÇÃO

O estado do Espírito Santo é constituído por diferentes grupos étnicos que vieram no período de imigração, durante o século XIX. Muitos descendentes desses grupos ainda preservam traços culturais e linguísticos, como é o caso dos pomeranos e dos alemães. Em 1857, a colônia de Santa Leopoldina recebeu os primeiros imigrantes alemães, posteriormente, em 1859, imigrantes pomeranos que se estabeleceram na região de Caramuru e, em 1870, uma nova leva de pomeranos fixaram-se no atual município de Santa Maria de Jetibá. A colônia, nesse período, já contava com 3.881 habitantes (Rölke, 2016, p. 237-240).

Atualmente, o município de Santa Leopoldina possui 13.106 habitantes, de acordo com o IBGE (2022). Dentre essa população estão os descendentes de alemães e de pomeranos que mantêm tradições culturais e a língua dos seus antepassados. Entretanto, observa-se uma diminuição significativa no uso cotidiano dessas línguas, principalmente entre as gerações mais jovens, o que coloca tais línguas em risco de desaparecimento e implica “a destruição de uma bagagem cultural e identitária” (Spoladore, 2017, p. 85), por isso a urgência em coletar dados linguísticos e descrever tais línguas.

As pesquisas relacionadas ao pomerano estão um pouco mais consolidadas, como os estudos de Tressmann (2005, 2006), Schaeffer (2012) e Bremenkamp (2014). Contudo, as variedades de origem alemã, são pouco exploradas no estado, o que reforça a necessidade de investigações sociolinguísticas que descrevam o cenário atual das línguas de imigração citadas em contato com o português.

OBJETIVOS

Este estudo tem como objetivo geral analisar os aspectos sociolinguísticos das línguas de imigração pomerana e hunsrückisch em contato com o português no município de Santa Leopoldina-ES, visando compreender o uso, o grau de vitalidade, políticas de preservação dessas línguas e suas relações com o português.

[1] Doutoranda em Linguística (DLL/PPGEL/UFES). E-mail:shirlei.schaeffer@edu.ufes.br . Trabalho orientado por Dr. Alessandro Rodrigues Meireles e coorientado por Dra. Leila Maria Tesch.

De forma mais específica, pretende-se i) traçar um panorama sociolinguístico das comunidades multilíngues do município de Santa Leopoldina, identificando os contextos de uso, transmissão e manutenção das línguas de imigração; ii) estratificar os participantes da pesquisa em variáveis sociais (faixa etária, gênero/sexo e escolaridade), a fim de observar correlações entre fatores sociais e variação linguística, segundo os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]); iii) investigar os padrões de variação e mudança linguística, observando fenômenos de interferência, alternância de códigos e convergência linguística entre o português, o pomerano e o hunsrückisch; iv) avaliar a vitalidade linguística dessas línguas de imigração; v) contribuir para políticas linguísticas e educacionais voltadas à valorização e/ou revitalização das línguas de imigração pomerano e hunsrückisch.

Esses objetivos articulam-se à perspectiva da Sociolinguística de Contato, a qual busca compreender os efeitos do convívio entre línguas e variedades em contextos sociais específicos (Savedra; Pereira, 2024), bem como à tradição variacionista laboviana, que correlaciona fenômenos linguísticos e fatores sociais, revelando padrões sistemáticos na heterogeneidade da língua.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Os imigrantes alemães e pomeranos trouxeram consigo sua cultura, sua história e sua língua. Os traços culturais e linguísticos permanecem em várias comunidades após mais de 150 anos de imigração, o que supera a expectativa de uma língua de imigração ir além da Lei da Terceira Geração, ou seja, essas línguas tendem a ser extintas na terceira geração de descendentes, conforme afirma Bremenkamp (2014) ao mencionar o pomerano no município de Santa Maria de Jetibá.

Sendo assim, a Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), oferece os instrumentos teórico-metodológicos necessários para compreender a variação linguística em seu contexto social. A estratificação dos informantes de acordo com macrocategorias sociais (sexo/gênero, faixa etária e escolarização) permite identificar padrões de variação. Ressalta-se que a Sociolinguística “é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística” (Cezario & Votre, 2009, p. 141).

Por sua vez, a Sociolinguística de Contato (Savedra; Pereira, 2024), amplia o foco dos estudos variacionistas ao observar os efeitos das interações interlinguísticas, considerando fatores como prestígio, bilinguismo, políticas linguísticas e atitudes dos falantes. Assim, compreender o contato linguístico nessas comunidades proporciona uma descrição estrutural das línguas envolvidas, e abrange as dimensões sociais, políticas e ideológicas que moldam o uso e a transmissão das línguas de imigração.

METODOLOGIA

O intuito dessa pesquisa é formar um banco de dados linguístico sobre as línguas de imigração alemã e pomerana em contato com o português faladas em Santa Leopoldina-ES através de uma pesquisa de cunho qualitativo. Para isso, antes da coleta de dados, o projeto será submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) e, para uso das informações posteriormente coletadas, os informantes deverão assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, organizadas em quatro seções: i) identificação e dados socioculturais do participante; ii) caracterização da localidade e do contexto familiar; iii) questões específicas relacionadas à estrutura das línguas de imigração; e iv) entrevista. A seleção dos informantes seguirá critérios sociolinguísticos, de modo a garantir representatividade das variáveis sociais. Serão criadas células sociais, conforme o modelo de Bremenkamp (2014): i) Faixa etária: G-I (9 a 13 anos); G-II (14 a 30 anos); G-III (31 a 55 anos); G-IV (> 55 anos); ii) escolaridade: 0 a 4 anos; 5 a 8 anos; mais de 9 anos; iii) sexo: feminino e masculino.

Os dados coletados serão analisados sob a ótica da Sociolinguística de Contato, de cunho qualitativo e interpretativo. Além disso, pretende-se observar indicadores de contato linguístico, como empréstimos, alternância de códigos, interferências estruturais e possíveis casos de convergência entre as línguas. A metodologia busca integrar descrição linguística e interpretação social, permitindo compreender como as práticas de fala refletem processos de mudança, preservação e identidade cultural.

RESULTADOS HIPOTÉTICOS

Parte-se da hipótese de que o município de Santa Leopoldina constitui um espaço multilíngue, no qual coexistem o português, o pomerano e variantes do alemão, como o hunsrückisch. Acredita-se que haja comunidades em que variedades de origem alemã interagem entre si, e/ou com o pomerano e com o português, resultando em fenômenos de variação e de influência recíproca.

Supõe-se também que o português desempenha papel dominante, especialmente nas gerações mais jovens, provocando um processo de deslocamento linguístico em relação às línguas de imigração. Contudo, entre as gerações acima de 55 anos, espera-se encontrar maior vitalidade do pomerano e do hunsrückisch, no uso cotidiano da língua.

Por fim, espera-se que o estudo contribua para mapear as atitudes linguísticas dos falantes, verificando como percebem o prestígio, a utilidade e a importância das línguas de imigração, o que é essencial para compreender os processos de manutenção e de revitalização linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa proposta insere-se no campo da Sociolinguística de Contato (Savedra; Pereira, 2024) e reforça a necessidade de documentar e analisar o cenário linguístico das comunidades de imigração no município de Santa Leopoldina - ES. O estudo das línguas de imigração pomerana e hunsrückisch, em contato com o português, permite compreender as dinâmicas de variação e mudança que emergem em contextos multilíngues e historicamente marcados por fluxos migratórios.

Além disso, este trabalho possui dimensão social e cultural significativa, uma vez que contribuirá para o reconhecimento das línguas de imigração como parte do patrimônio imaterial capixaba. A constituição de um banco de dados linguístico representa um passo importante para a preservação e revitalização dessas línguas, permitindo que futuras gerações tenham acesso ao registro de sua história linguística.

Por fim, compreender o contato entre pomerano, hunsrückisch e português em Santa Leopoldina é também compreender a formação identitária do próprio estado do Espírito Santo. A língua, nesse contexto, revela-se não apenas como meio de comunicação, mas também como símbolo de pertencimento, resistência e memória coletiva.

REFERÊNCIAS

- BREMENKAMP, Elizana Schaffel. **Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, ES**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- RÖLKE, Helmar. **Raízes da imigração alemã: História e cultura alemã no Estado do Espírito Santo**. Vitória/ES: Arquivo Público do Espírito Santo, 2016.
- SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; PEREIRA, Telma Cristina de Almeida Silva. Sociolinguística de contato e política linguística: propostas de interseções teórico-metodológicas. **Matraga**, v. 31, n. 61, p. 22-36, jan./abr. 2024.
- SCHAEFFER, Shirlei Conceição Barth. **Descrição fonética e fonológica do pomerano falado no Espírito Santo**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- TRESSMANN, Ismael. **Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português**. 1. ed. Vitória: Gráfica e Encadernadora Sodrê, 2006. v. 1. 563 p.
- TRESSMANN, Ismael. **Da sala de estar à sala de baile: estudo etnolinguístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo**. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Mavin. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

SOTAQUE CAPIXABA E IDENTIDADE REGIONAL: o olhar capixaba sobre a própria fala

Bruna Simões dos Santos Lopes (DLL/UFES)¹
Leila Maria Tesch (DLL/ PPGEL/ UFES)²

Palavras-chave: Sociolinguística; Percepção; Variedade; Identidade; Sotaque capixaba.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, analisaremos a forma como as pessoas que nasceram, cresceram e ainda residem no estado do Espírito Santo percebem o próprio sotaque, associando essa percepção à forma como se conectam com sua história e cultura, seja por meio da valorização ou do apagamento dessas raízes. O fenômeno da percepção, de acordo com FREITAG et al. (2016), depende do julgamento do ouvinte, que forma um padrão de consciência social compartilhada pela comunidade, associando fatores sociolinguísticos e traços sociais.

No Brasil, os sotaques são mais do que meros traços linguísticos, eles são reflexos da diversidade histórica e social do país, funcionando como importantes marcadores de identidade e pertencimento. A forma como os falantes percebem e avaliam sua própria fala, incluindo a do sotaque, influencia as dinâmicas de prestígio, estigma e as mudanças na língua. A crença popular de que "o capixaba não tem sotaque" é um exemplo claro dessa dinâmica. Entender como a comunidade capixaba avalia seu próprio sotaque, e os fatores sociais e culturais que moldam essa percepção, é essencial para compreender o processo de variação e mudança do português brasileiro.

Para isso, a análise fundamenta-se na Teoria da Variação e Mudança Linguística, de William Labov (2008 [1972]), cuja abordagem permite compreender como fatores sociais influenciam as variações linguísticas. Além disso, dialoga com pesquisas que investigam especificamente o sotaque capixaba e sua relação com a identidade regional. Entre essas, destaca-se o trabalho de Tesch (2022, p. 226), que observa que "a configuração da variedade capixaba ainda não é clara, nem para a comunidade acadêmica, nem para os leigos, nem mesmo para os próprios habitantes do Espírito Santo". Tal constatação evidencia a necessidade de investigar como os próprios capixabas reconhecem, interpretam e atribuem sentido à sua forma de falar.

¹ Graduanda em Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (UFES); (DLL/UFES); E-mail: brunasimoeslopes2@gmail.com

² Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de pós-graduação em Linguística (DLL/PPGEL/UFES); E-mail: leila.tesch@ufes.br

OBJETIVOS

O principal objetivo deste trabalho é analisar como os capixabas que nasceram, cresceram e ainda residem no Espírito Santo percebem o próprio sotaque, buscando compreender as representações construídas pelos próprios falantes sobre sua variedade linguística. Além disso, pretende-se comparar os dados obtidos com resultados de pesquisas anteriores, de modo a identificar possíveis convergências ou divergências na forma como o sotaque capixaba vem sendo percebido e avaliado.

Já para os objetivos específicos, buscaremos (i) analisar como as pessoas que sempre residiram no Espírito Santo percebem o sotaque capixaba; (ii) identificar quais características linguísticas são atribuídas ao sotaque capixaba pelos entrevistados; (iii) relacionar a percepção do sotaque capixaba com a construção e expressão da identidade cultural local; (iv) verificar se há indícios de apagamento ou valorização em relação à identidade linguística capixaba; (v) colaborar com o projeto de pesquisa da Prof.^a Dr.^a Leila Maria Tesch – “PortVix: análise e descrição da variedade capixaba”; (vi) contribuir para o avanço dos estudos acerca do sotaque e da cultura capixaba; (vii) ampliar os estudos variacionistas do grupo PortVix (Grupo Capixaba de Estudos de Variação e Mudança Linguística);

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, serão conduzidas entrevistas com 20 participantes, seguindo o roteiro de perguntas elaborado para a pesquisa de Tesch (2021), que o aplicou a 40 participantes: 20 nascidos em outros estados brasileiros, mas residentes no Espírito Santo à época da coleta, e 20 capixabas que, embora tenham nascido e crescido no estado, viviam em outras regiões no momento da entrevista. Nesta pesquisa, porém, o foco recai sobre os capixabas que permanecem no estado, com o objetivo de investigar como a vivência contínua no território espiritosantense influencia a percepção do próprio sotaque.

Os participantes da pesquisa serão exclusivamente maiores de 18 anos, selecionados com base nos perfis considerados relevantes para os objetivos do estudo. Busca-se constituir um corpus equilibrado, composto por 10 homens e 10 mulheres, contemplando diferentes níveis de escolaridade e regiões do estado do Espírito Santo. Essa diversidade visa garantir uma amostra representativa dentro dos critérios delimitados, possibilitando uma análise mais abrangente das percepções sobre o sotaque capixaba a partir de múltiplas perspectivas sociais.

O roteiro reúne questões voltadas à reflexão sobre os diferentes sotaques do Brasil, além de explorar a visão dos participantes a respeito da variedade linguística local. Algumas das perguntas que serão utilizadas incluem: (i) Qual sua relação com o estado do Espírito Santo? Amor, ódio ou desprezo?(ii) Quais sotaques você acha mais próximos da Língua Portuguesa ensinada na escola? Por quê? (iii) Você consegue reconhecer outro capixaba? Como? (iv) O que você acha que caracteriza um capixaba (coisas boas e ruins)? (v) Para você, como as pessoas

falam aqui no ES? O que caracteriza o sotaque capixaba? (vi) Você acha que a fala capixaba é parecida com a utilizada nas grandes mídias televisivas, como o Jornal Nacional? Por quê? (vii) Você acha que o capixaba fala cantando? Como assim? Como ele “canta”?

As entrevistas serão realizadas por chamadas de áudio, o que permitirá contemplar falantes de diferentes regiões do Espírito Santo, ampliando a diversidade do corpus. As gravações serão transcritas com o apoio da plataforma Elan, que viabiliza uma análise detalhada e sistemática do material. As transcrições serão revisadas manualmente para assegurar a fidelidade das informações registradas.

Atualmente, o projeto encontra-se em fase de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), etapa necessária para garantir que os procedimentos adotados estejam de acordo com os princípios éticos que regem pesquisas com seres humanos. Após a liberação, será iniciada a etapa de coleta de dados.

RESULTADOS ESPERADOS

A partir da análise das entrevistas, espera-se identificar padrões claros na percepção do sotaque capixaba, compreendendo as atitudes e crenças dos falantes em relação à sua própria variedade. Além disso, pretende-se verificar a hipótese de que a vivência contínua no estado do Espírito Santo influencia a percepção e avaliação do sotaque local. Além dos aspectos linguísticos, a análise das entrevistas abre espaço para a reflexão sobre como a percepção do sotaque capixaba pode estar relacionada a processos de apagamento histórico e cultural no Espírito Santo. A pesquisa busca compreender se a ausência de traços considerados marcantes na fala capixaba, frequentemente interpretada como ausência de sotaque, está vinculada a uma identidade regional pouco reconhecida ou valorizada.

Com isso, pretende-se também fomentar discussões sobre a importância de reconhecer e valorizar as particularidades linguísticas como parte constitutiva da identidade cultural de um povo. Por fim, espera-se que os resultados deste estudo possam servir de fundamentação para investigações futuras acerca das percepções linguísticas e identitárias na região, promovendo o desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos no Espírito Santo.

CONCLUSÕES

A partir do referencial teórico e da metodologia proposta, este trabalho pretende contribuir para a compreensão da percepção do sotaque capixaba pelos próprios falantes que nasceram, cresceram e permanecem no Espírito Santo. Espera-se que a análise das entrevistas revele não apenas os traços linguísticos reconhecidos pela comunidade, mas também as atitudes e representações sociais associadas ao sotaque, vinculadas à identidade cultural e histórica da região.

Considerando o contexto de apagamento e invisibilização da cultura capixaba, a pesquisa busca destacar como essas dinâmicas sociais interferem na percepção e valorização do sotaque local. Além disso, a investigação pretende testar a hipótese de que a vivência contínua no estado influencia diretamente essa percepção, abrindo caminho para reflexões sobre o papel da territorialidade na construção identitária.

Este estudo, mesmo ainda em fase inicial, já destaca a importância de aprofundar as pesquisas sobre as representações linguísticas capixabas para expandir o conhecimento sobre a variação regional. A proposta inicial levanta questões relevantes, especialmente sobre como os capixabas percebem sua própria fala diante da crença popular de que não possuem sotaque. Ao problematizar essa ideia, o estudo busca investigar se essa percepção está ligada a processos históricos de silenciamento e marginalização cultural, e espera que seus resultados sirvam de base para futuras pesquisas e para ações que valorizem a diversidade linguística e cultural do Espírito Santo.

Desse modo, o trabalho busca não apenas descrever padrões perceptivos, mas também contribuir para a discussão mais ampla sobre o apagamento da identidade cultural capixaba e suas manifestações no campo da linguagem. Ao examinar as relações entre língua, território, história e pertencimento, esta pesquisa visa abrir espaço para novas abordagens e fomentar o reconhecimento da diversidade linguística como parte fundamental da valorização de identidades locais.

REFERÊNCIAS

- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- FREITAG, R. M. K. et al. **Como os Brasileiros Acham que Falam?** Percepções Sociolinguísticas de Universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura*, v. 18, n.2, 2016
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.
- TESCH, Leila Maria. **O sotaque capixaba: um estudo de percepção**. 2021. Relatório final (Pós-doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2021.
- TESCH, Leila. **O sotaque capixaba: um estudo de percepção**. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 16, n. 34, p. 225-242, 2022.
- YACOVENCO, Lilian Coutinho et al. **Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena**. *Alfa: Revista Linguística (São José do Rio Preto)*, v. 56, p. 771-806, 2012.

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NA VARIEDADE LINGUÍSTICA CAPIXABA

Leila Maria Tesch¹

Palavras-chave: Variedade Capixaba; Convergências; Divergências; PortVix.

INTRODUÇÃO

Yacovenco et al (2012) sintetizou os resultados de 13 trabalhos desenvolvidos até aquele momento com base nos dados do projeto PortVix 2000 e teceu considerações sobre o alinhamento da fala de Vitória ao cenário nacional e sobre traços que a caracterizam. Esse estudo se refere à análise de diversos fenômenos variáveis, a saber: alternância entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito; a expressão variável do futuro do presente; usos do gerúndio; variação sintática das orações adverbiais finais; alternância nós/a gente; a expressão do objeto direto anafórico; concordância nominal; concordância verbal; expressão gramatical do imperativo; alternância indicativo/subjuntivo; alternância você/cê/ocê; ausência/presença de artigo diante de antropônimos e de possessivos. O objetivo principal foi descrever a variedade capixaba, confrontando os resultados dessas pesquisas com os relativos a outras variedades do português brasileiro, verificando, na medida do possível, se a fala capixaba possui marcas próprias ou se, ao contrário, é não marcada, isto é, se nela prevalecem os traços mais gerais do português brasileiro.

As pesquisas desenvolvidas com base no PortVix, todas, até o momento, baseadas em fenômenos sintáticos ou morfossintáticos, contribuíram para a descrição da variedade linguística capixaba. Quase todos os fenômenos analisados apontaram para o alinhamento a outras variedades do PB. A implementação do futuro do presente e do futuro do pretérito perifrástico, a alternância dos usos do gerúndio, a variação entre orações adverbiais finais desenvolvidas ou reduzidas, a implementação do pronome de primeira pessoa a gente, a alternância do imperativo e a variação entre indicativo e subjuntivo mostram que a variedade linguística capixaba se assemelha às demais variedades do PB. A supressão do clítico acusativo de terceira pessoa e sua substituição por sintagmas nominais anafóricos e categorias vazias e a variação das concordâncias nominal e verbal mostram semelhanças e diferenças. O maior uso do pronome você e a quase inexistência do pronome ocê por falantes de Vitória parecem ser uma característica da variedade capixaba, revelando ser uma marca identitária, ao se contraporem os resultados aos de outras pesquisas baseadas na fala de Minas Gerais. Do mesmo modo, a ausência de artigos definidos antes de nomes de pessoas e de possessivos também caracteriza a fala capixaba. (Yacovenco et al., 2012, p. 802-803)

¹ Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil. E-mail: leila.tesch@ufes.br

No presente trabalho, apresentamos uma atualização das pesquisas desenvolvidas, de 2012 até os dias atuais, com base no banco de dados PortVix 2000. Nosso objetivo é verificar se os fenômenos linguísticos analisados ao longo desse período se alinham ao cenário geral do português brasileiro ou se revelam traços característicos de uma identidade linguística capixaba. Para tanto, apresentamos os resultados gerais desses estudos e os comparamos a pesquisas realizadas em outras regiões do país, a fim de identificar possíveis convergências e divergências.

Entre 2012 e o presente momento, a amostra PortVix 2000 foi objeto de investigação em diferentes níveis de pós-graduação (mestrado e doutorado), abrangendo uma variedade de fenômenos linguísticos, como: a alternância das estruturas de negação (Nascimento, 2014); a variação das vogais médias pretônicas (Leite, 2014); a expressão do objeto direto anafórico (Lauar, 2015); a concordância nominal (Scardua, 2018); a concordância verbal (Benfica, 2016); a regência variável do verbo de movimento ir (Citeli, 2017); a variação na expressão do sujeito pronominal (Genuino, 2017); a redução do verbo estar (Pinheiro, 2019); a alternância entre as construções de obrigação ter que + infinitivo, dever + infinitivo e precisar + infinitivo (Pinto, 2020); a variação das construções relativas (Santos, 2020); a variação da ditongação diante de /s/ (Oliveira, 2022); a variação na posição dos clíticos pronominais (Benincá, 2022) e a alternância verbal nas sentenças condicionais (Viana, 2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos resultados dos trabalhos desenvolvidos que analisaram o banco de dados PortVix 2000, apresentados em Yacovenco et al (2012) e também neste trabalho, especificamente no período de 2012 até a atualidade, observamos quais fenômenos analisados apresentam convergência em relação ao português brasileiro e quais revelam divergências, configurando, portanto, traços linguísticos característicos da variedade capixaba.

De modo geral, os resultados apontam para uma predominante convergência ao português brasileiro, o que confirma a percepção de que a variedade capixaba não apresenta traços fortemente distintivos em sua fala para o diferenciar de outras variedades do país, conforme já indicado em Tesch (2022). Entre os fenômenos que demonstram convergência destacam-se: a expressão do futuro do presente, a expressão do irrealis, o uso do gerúndio, as construções relativas, as orações adverbiais finais, a expressão da primeira pessoa do plural, a posição dos clíticos, a variação entre indicativo e subjuntivo, o objeto direto anafórico, a redução do verbo estar, a regência do verbo ir, a expressão do sujeito pronominal.

Alguns fenômenos, como a concordância verbal e nominal, apresentam comportamento de convergência em relação a outras localidades urbanas, mas de divergência quando comparados a resultados obtidos em amostras de fala rural do Espírito Santo — como as de Lopes (2014) e Foeger (2014), baseadas em corpus coletado em Santa Leopoldina, com falantes da zona rural do município. Além disso, observam-se casos de convergência e divergência parciais em fenômenos como o imperativo, as estruturas de negação, a expressão da segunda pessoa do singular e a variação das vogais médias pretônicas.

Por fim, poucos estudos revelaram resultados claramente divergentes em relação ao português brasileiro, mais especificamente os que tratam da ditongação e da ausência de artigo diante de antropônimos e possessivos.

CONCLUSÕES

Os estudos baseados no banco de dados sociolinguístico de Vitória permitiram situar a variedade capixaba no cenário linguístico do português brasileiro. Pode-se afirmar que, conforme a percepção de seus próprios falantes, trata-se de uma variedade menos marcada, sem traços linguísticos fortemente distintivos em relação às demais.

De modo geral, os resultados dos fenômenos analisados até o presente momento, com base no banco de dados PortVix, apontam para uma predominante convergência ao sistema do português brasileiro.

Entretanto, alguns fenômenos linguísticos parecem caracterizar o falar capixaba, sobretudo aqueles que apresentaram resultados divergentes em relação a outras pesquisas conduzidas em diferentes comunidades de fala. Entre eles, destacam-se a ditongação, a ausência de artigo diante de possessivos e antropônimos e o uso de você.

Há, ainda, fenômenos que ocupam uma posição intermediária, apresentando convergência em relação a algumas comunidades de fala e divergência em relação a outras, como o uso do imperativo na forma indicativa, a concordância verbal e nominal (em comparação entre comunidades urbanas e rurais), as estruturas de dupla negação e as vogais médias abertas.

REFERÊNCIAS²

<https://drive.google.com/drive/folders/1Kw2o2zc5LfjmeBI1SoAG9hIrXFjFjEOE?usp=sharing>

² Considerando o número elevado de referências citadas neste resumo e a limitação de espaço disponível, todas as referências podem ser acessadas por meio deste link.